

5

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Nesse capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa. Iniciaremos o capítulo com a apresentação do perfil das crianças e adolescentes que encontramos em situação de rua na Cidade de Porto Novo e depois apresentaremos a história de vida de três crianças e adolescentes que participaram da entrevista de profundidade.

Ainda neste capítulo faremos uma discussão e análise de cinco categorias: Padrões Culturais e Reprodutivos: “Filhos de Dentro” X “Filhos de Fora”; O processo de Ida para a Rua; As Relações Afetivas; O Cotidiano das Ruas; e As Percepções das Crianças e dos Adolescentes em situação de rua. Consideramos essas categorias importantes e fundamentais para compreensão da vida das crianças e adolescentes em situação de rua. Assim como para fazer um paralelo entre o estudo de Porto Novo e o estudo do Rio de Janeiro.

5. 1

Perfil das Crianças e Adolescentes Em Situação de Rua na Cidade de Porto Novo - Ilha de Santo Antônio

Traçar o perfil das crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua na cidade de Porto Novo - ilha de Santo Antônio, foi um dos objetivos da pesquisa. Apesar da intenção não ter sido de fazer um levantamento quantitativo das crianças e adolescentes em situação de rua nesta ilha, acreditamos que podemos traçar o perfil com base nos onze questionários aplicados e na entrevista de profundidade. Apesar deste número ser reduzido acreditamos que foi uma amostra importante, na medida em que contribui para que tenhamos alguma idéia de quem são as crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua nesta ilha. Como também entender que este não é um fenômeno que existe apenas nos principais centros urbanos, mas que é possível encontrar crianças nas mesmas situações em outras ilhas do país.

A elaboração do perfil das crianças e adolescentes que encontramos em situação de rua nesta ilha será feita com base em três fatores: identificação; informações sobre a família; e informações sobre a rua. Entendemos que as informações recolhidas sobre estes três fatores, nos permitiram obter os dados que necessitamos para a elaboração do perfil destas crianças e adolescentes.

No que diz respeito ao primeiro fator, que chamamos de identificação, recolhemos informações que dizem respeito à idade; sexo; local de nascimento; cor; religião e escolaridade dos nossos estudados. Dos onze questionários aplicados os resultados foram os seguintes:

Faixa etária: 1 – 10 anos; 3 – 11 anos; 1 – 12 anos; 3 - 13 anos; e 3 – 16 anos de idade;

Este dado nos mostra que mais da metade dos nossos informantes que se encontram nas ruas desta ilha são adolescentes, na medida em que tem a idade compreendida entre os 12 e 16 anos de idade. Na pesquisa do CIESPI, realizada no Rio de Janeiro, os dados mostraram também, que a maioria dos entrevistados era adolescente. Apesar do número de criança em situação de rua no Rio de Janeiro ser bastante significativo.

No que se refere ao sexo dos nossos informantes todos eles são do sexo masculino. É de realçar que a cultura Caboverdiana é considerada conservadora e machista, como veremos no próximo ponto, que tem por tradição manter as meninas em casa, pois elas são fundamentais na realização das tarefas domésticas, como por exemplo, cuidar dos irmãos mais novos, da casa, da comida etc., enquanto que os meninos são mais liberados. Cabe ressaltar que durante a pesquisa nessa ilha, encontramos apenas uma menina em situação de rua. Esta menina aparentava ter entre 14 a 17 anos de idade e aparentava ter algum distúrbio ou problemas mentais e/ou psicológico, por essa razão preferimos não abordá-la. Não sabemos da história dessa menina, mas segundo um de nossos entrevistados, ela passa muito tempo na rua, foge de casa e dorme na rua. No decorrer da pesquisa chegamos a verificar que realmente ela dormia na rua. Pois vimos-la por três vezes dormindo a noite num dos bancos (cadeira) perto da Praça no Armazém.

Observamos que existiam algumas meninas nas ruas da cidade do Porto Novo, principalmente no bairro do Alto Peixinho perto do Cais do Porto. Estas meninas tinham entre 12 a 16 anos de idade e estavam na companhia das suas mães ou de um parente. O que observamos é que estas meninas iam todos os dias para este local no período da manhã ou no período da tarde no horário de chegada dos barcos para venderem queijos, frutas e verduras. Abordamos três dessas meninas e elas nos informaram que estão nesses locais para vender queijos para ajudar as suas mães, mas que fazem isso num horário diferente das aulas. Não entrevistamos estas meninas por

achamos que não tem perfil de crianças e adolescentes que estávamos procurando, que eram crianças ou adolescente que tinham um perfil de “meninos de rua”.

Ao contrário da realidade do nosso campo de pesquisa, no Rio de Janeiro é visível a presença de meninas em diversos pontos da cidade. Nos últimos anos do século XX os estudos realizados no Rio de Janeiro, que faziam a discussão de gênero, sobre as crianças e adolescentes que se encontravam em situação de rua, mostrou que o número de meninas nas ruas do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente. E algumas delas estavam ligadas às atividades de prostituição

No que diz respeito ao local de nascimento as respostas foram às seguintes: 9 – nasceram em Santo Antônio; 2 – nasceram em outras ilhas (São Vicente e Santiago); a que nasceu em São Vicente justificou que a sua mãe tinha uma gestação de risco e Santo Antônio não tinha condições hospitalares para atendê-la, por isso foi transferida para hospital de São Vicente. A que nasceu na cidade da Praia – ilha de Santiago, disse que veio para a ilha da realização da pesquisa com 3 anos de idade na companhia da sua mãe, que estava a procura de familiares e acabou por ficar nesta ilha.

É de realçar ainda que com exceção de dois dos nossos informantes que são irmãos e que moravam no bairro de Armazém, todos os outros moravam nos bairros mais pobres desta cidade, Chã de Itália, Berlim e Ribeira de Corujinha, no qual as famílias moram em situação de extrema pobreza e algumas das crianças e adolescentes estão abandonadas as suas próprias sorte, pois nove dos nossos pesquisados moram nestes bairros.

Ao perguntamos se tinham alguma religião, as respostas foram as seguintes: 2 – não tinham; 3 – eram Nazarenos; 5 – eram católicos; e 1 – era da igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias; quando perguntados com que frequência iam para a igreja: 3 – de vez em quando; 5 – quando eram obrigado pelos pais ou avós. O adolescente que frequenta a igreja Jesus Cristo dos Últimos Dias e a criança que frequenta a igreja Nazarena, disseram que frequentavam estas igrejas porque ofereciam comida, roupa e presente para as crianças. Isso nos fez pensar que a possibilidade de conseguir alimento e vestuário acaba por atrair alguns dos nossos entrevistados para a igreja, e não a fé, pois em nenhum momento eles relataram que frequentam a igreja por vontade própria ou por acreditarem na religião.

No que se refere à origem étnica dos nossos informantes as respostas foram as seguintes: 2 disseram que eram brancos; 4 que eram negros; 5 que eram mulatos. Cabe dizer que ao perguntamos sobre a cor, alguns dos nossos informantes ficaram em

silêncio e olhavam para eles mesmos, e só depois de alguns minutos responderiam. O que nos fez pensar que eles ainda não tinham a oportunidade de pensar sobre a sua cor, talvez esta tenha sido a primeira vez que ouviram a pergunta, qual é a sua cor? É de realçar ainda que é natural que a maioria dos nossos pesquisados sejam negros e mulatos uma vez que o povo Caboverdiano tem como base de sua origem étnica negros Africanos e Europeus.

Outro item que consideramos importante nesse momento de identificação é o fator escola. Os dados nos mostram que no momento da realização da pesquisa cinco dos informantes freqüentavam escola, mesmo que de forma irregular e seis já tinham parado de estudar a cerca de dois anos atrás. Destes adolescentes que não estudavam, três disseram que pararam de freqüentar a escola porque seus pais não tinham condições financeiras de mantê-los na escola; dois disseram que ficaram reprovados por algumas vezes e acabaram por perder o direito¹. E uma criança respondeu que parou de estudar porque não gostava de ir para escola.

Dois dos meninos que pararam de estudar disseram que pretendiam voltar para escola. Percebemos através da falas deles que a escola é algo importante para eles e que é com a escola que eles podem realizar os seus sonhos e desejos que é de ter um trabalho e uma casa para morar com as suas famílias como iremos ver mais adiante.

Apesar de cinco dos pesquisados informarem que freqüentam escola, durante o período que estivemos realizando o trabalho de campo observamos que isso acontecia de uma forma irregular e descontinua, uma vez que estas crianças passavam grande parte do dia perambulando nas ruas de Porto Novo, tanto no período da manhã como no da tarde. Observamos que somente a criança AA ia para a escola com freqüência no período da tarde.

Os estudos realizados no Rio de Janeiro também mostram que a maioria das crianças e adolescentes que se encontra em situação de rua não freqüenta escola. Isso porque quando a criança ou adolescente começa a ir para a rua todos os dias ela não consegue acompanhar as aulas e acaba por abandonar a escola.

No que se refere às informações sobre a família, os dados da pesquisa nos mostram que a maioria dos pesquisados morava com um dos pais, pois ao perguntamos com quem moravam as respostas foram às seguintes: 7 – morava só com a mãe; 1 –

¹ Em Cabo Verde, a criança que ficar reprovada duas vezes na mesma classe ou série perderá o direito de estudar numa escola pública. Também existe o fator idade que impede uma determinada criança de freqüentar uma determinada classe ou série.

morava com ambos os pais; 1 – morava só com o pai; 1 – com a avó; e 1 - com os irmãos;

Apesar de a maioria morar com a mãe, ao perguntamos quem era o chefe da família as respostas foram os seguintes: 4 - responderam que era a avó materna; 3 - eram a mãe; 2 - eram os irmãos mais velhos; 1 - era o pai; e 1 - era o padrasto. Esses dados nos mostram a existência de variedades de arranjos familiares, que se configura como uma estratégia de sobrevivência. Os quatro casos nos quais a avó era a chefe da família também se configuram com uma estratégia tendo em conta que ela tem uma renda fixa - a pensão - e isso ajuda na sobrevivência de toda a família.

A ausência da figura paterna em casa, associada às dificuldades que as mães têm de arcar sozinhas com a responsabilidade de cuidar da educação dos filhos, assim como buscar o sustento da casa constitui a realidade dos nossos pesquisados, pois, os dados nos mostram que a maioria das famílias dos nossos informantes era chefiada por mulheres, isso porque oito dos chefes de família apontados pelas crianças e adolescentes eram do sexo feminino (três mães, quatro avós e uma irmã). Esta também é uma realidade das crianças e adolescentes do Rio de Janeiro como foi destacado no estudo de Rizzini et al (2003) como veremos adiante.

O tamanho da família das crianças e adolescentes do nosso estudo constitui um fator importante na elaboração do perfil dos mesmos, assim como nos ajuda a entender as suas dificuldades e as suas estratégias de sobrevivência. Os dados da pesquisa nos mostram que as famílias dos nossos informantes eram numerosas, pois tinham em média cerca de oito pessoas em cada casa, e a média dos filhos eram de seis para cada mãe. Seis dos nossos informantes relataram que as suas famílias moravam em casa própria e cinco disseram que as suas famílias moravam numa casa cedida pela Câmara Municipal de Porto Novo. A maioria das famílias destas crianças e adolescentes vivia numa casa constituída por três cômodos e não tinha banheiro.

No que se refere à escolaridade dos pais nove responderam que suas mães eram analfabetas e sete responderam que os seus pais (homens) eram alfabetizados. Ao perguntamos sobre a profissão de suas mães as respostas foram os seguintes: 9 - eram domésticas, ou seja, não tinham nenhum trabalho que lhes garantiam uma fonte de renda; 2 - eram vendedoras ambulantes. No que diz respeito aos seus pais os entrevistados deram as seguintes informações: 6- estavam desempregados; 1- era pedreiro; e 4- eram funcionários públicos (1 – professor; 1 - trabalhador da Enapor (pai

dos irmãos) e 1 - condutor). Estas situações são características das camadas mais pobres da população do país das quais as famílias dos nossos pesquisados fazem parte.

Para termos informação sobre a estrutura familiar, perguntamos aos nossos informantes sobre o tipo de relacionamento que existia entre seus pais. Os dados da pesquisa nos permitem classificar as famílias das crianças e adolescentes do estudo, com exceção de um adolescente que vivia com ambos os pais, como famílias monoparentais, pois era composta por apenas um dos pais biológicos, e nesses casos eram as mães que também eram os chefes da família.

No que diz respeito ao estado civil dos pais, todas as crianças e adolescentes do estudo responderam que eles eram solteiros. Após analisarmos a situação de cada uma das famílias verificamos as seguintes situações: 1 - os pais moravam juntos; 4 - a mãe morava com a avó do informante e tem um companheiro que não é pai do informante; 1 - a mãe se separou do pai do informante e morava sozinha com os filhos porque sofria violência doméstica; e 1 - a mãe morava sozinha com os filhos porque o seu companheiro emigrou para outra ilha a procura de melhores condições de vida.

Sobre a situação dos filhos, os dados da pesquisa mostraram que apenas dois dos nossos informantes eram “*filhos de dentro*”, pois apesar de os seus pais não serem casados eles tem um relacionamento estável. Nove dos nossos pesquisados eram “*filhos de fora*”, tendo em conta que eles eram resultados de outros relacionamentos dos seus pais. Como vimos no capítulo I, este é um aspecto da estrutura social e familiar na sociedade Caboverdiana. Voltaremos a esta discussão mais adiante.

Estas situações contribuem para a existência de um contato reduzido entre os nossos entrevistados e seus pais (homem), na medida em que os relacionamentos que existiam entre os seus pais eram temporários. Outro fator que também contribui para o afastamento dos pais (homens) é a existência de outro companheiro na vida da mãe das crianças e adolescentes do nosso estudo. Pois com a exceção de dois casos, o que constatamos é que os irmãos dos nossos entrevistados são todos filhos de pais diferentes.

Cabe dizer que algumas mulheres, por serem analfabetas desempregadas e viverem numa situação de pobreza, como é o caso das mães das crianças e adolescentes do nosso estudo, vêem nos novos companheiros a possibilidade de terem a sua sobrevivência e dos seus filhos garantidas, assim como uma melhoria nas condições de vida. Isso porque esse novo companheiro poderá garantir as suas necessidades básicas de alimentação, moradia, mesmo que isso seja por um curto período de tempo. O que

nos preocupa é que esta situação acaba por ser rotineira, contribuindo assim para que a mulher diminua as chances de conseguir uma vida melhor. Pois o fato de terem filhos com homens diferentes, não melhora as suas vidas apesar delas pensarem o contrário. Esta situação faz com que a família fique fragilizada, e vulnerável o que pode contribuir para que as crianças partam para as ruas a procura de melhores condições de vida.

No que diz respeito ao contato com a rua, os dados da pesquisa nos mostram que os nossos informantes começam a ir para a rua a partir de seis anos de idade. Essa não é uma característica apenas das crianças e adolescentes do nosso estudo, na medida em que pesquisas e estudos realizados em vários países da América Latina, e principalmente do Brasil, encontram crianças muito novas nas ruas dos principais centros urbanos (Fausto e Cervini, 1991).

Ao perguntamos aos nossos estudados com que idade começaram a ir para a rua, afirmaram o seguinte: 2 – 6 anos; 1 – 7 anos; 1 – 8 anos; 2 – 9 anos; 3 – 10 anos; 2 – 12 anos de idade.

Ao perguntamos como foram para a rua: seis responderam que tinham amigos que andavam na rua, e que foi através deles que conheceram a rua; dois responderam que foram com o irmão mais velho e três responderam que foram sozinhos. Vejamos alguns dos seus depoimentos:

Pesquisadora: Com quem você foi para a rua?

Criança A: *“Com meu amigo... ele me chamou para ir brincar com ele... passamos muito tempo andando de um lado para outro... fomos para vários lugares... Cais, Praça dos Pescadores, Alto Peixinho, Armazém, Abufador...”* (fala de uma criança de 11 anos de idade).

Adolescentes S: *“Foi o meu amigo que me chamou para ir... ele andava sempre na rua aí um dia eu estava brincando com ele perto de casa... ele perguntou se eu não queria ir com ele dar um recado... então fomos... passamos todo o dia na rua... foi muito bom...”* (fala de um adolescente de 13 anos de idade).

Adolescentes R: *“A primeira vez, fui com meu irmão e um amigo dele... ele me disse que eu tinha que pedir dinheiro para as pessoas porque senão ele ia me bater... eu não queria fazer o que ele estava falando... fiquei com medo então fui pedir dinheiro para as pessoas...”* (fala de um adolescente de 13 anos de idade).

No que se refere aos motivos que os impulsionaram para a rua, o que mais apareceu nos relatos dos entrevistados foi à necessidade de conseguir dinheiro para satisfazer as suas necessidades e de suas famílias, pois passam algumas dificuldades em casa. Outro motivo apontado foi à possibilidade de diversão na rua, na medida em que as crianças e os adolescentes pesquisados relataram que se sentiam presos, enfadados em casa. Oito das crianças e adolescentes da pesquisa apontaram esses dois motivos e, três apontaram como motivos de ida para a rua a violência que sofriam em casa, tanto por parte do pai como por parte dos irmãos mais velhos.

Pesquisadora: Porque motivo você foi para a rua?

Adolescente C: *“As minhas irmãs não gostavam de mim... elas me batiam muito... às vezes não faço nada para elas e me batem mesmo assim...”* (fala de um adolescente de 16 anos de idade).

Criança D: *“Minha mãe batia em mim e também queria ficar na rua com meus amigos...”* (fala de uma criança de 11 anos de idade).

Adolescente M: *“Não gosto de ficar em casa... não tem nada para fazer... Sinto-me preso... enfadado...”* (fala de um adolescente de 16 anos de idade).

Adolescente A: *“sentia falta de dinheiro em casa... precisava ajudar a minha mãe...”* (fala de um adolescente de 13 anos de idade).

Semelhante ao estudo do Rio de Janeiro, os dados da pesquisa de Porto Novo nos mostram que as crianças e adolescentes desenvolvem algumas estratégias na rua para sobreviverem. Neste sentido, elas fazem algumas atividades para que possam ter algum retorno em dinheiro. Das atividades desenvolvidas por elas o que mais se destaca é esmolar, na palavra deles *“pedir dinheiro”*, na porta dos restaurantes, hotéis, supermercados, e locais de muita movimentação e principalmente para os turistas que estão diariamente na ilha. Outra atividade que também todos afirmaram que faziam é a realização de pequenos serviços diária como transmitir recados, ajudar os pescadores no descarregamento e limpeza dos botes e realização de serviços domésticos na rua. Destes serviços recebiam em troca dinheiro ou comida. O objetivo principal do

desenvolvimento destas atividades é ter um retorno principalmente em dinheiro para que possam satisfazer as suas necessidades básicas.

No Rio de Janeiro, segundo alguns estudos e pesquisas realizadas, a principal atividade realizada pelas crianças e adolescentes em situação de rua não é esmolar, mas sim a de vendedor ambulante. Esta é uma realidade muito visível na cidade do Rio de Janeiro, pois a qualquer momento pode-se encontrar crianças ou adolescentes vendendo balas, doces, entre outros produtos nos vários cruzamentos da cidade, nos ônibus, e nas ruas do centro. As crianças e adolescentes no Rio de Janeiro também realizam outras atividades como engraxar sapatos, lavar e guardar carros, ajudar feirantes etc, atividades essas que são também realizadas pelas crianças dos principais centros urbanos de Cabo Verde (Praia, Mindelo e Sal). As crianças e os adolescentes do nosso estudo, não têm essas atividades como principal ocupação porque eles moram numa pequena cidade de uma ilha rural, no qual é bem reduzida a movimentação das pessoas, do comércio e dos serviços oferecidos se compararmos com os dos principais centros urbanos do país ou ainda com o Rio de Janeiro.

O que percebe é que a maioria das crianças e adolescentes faz estas atividades por contra própria, ou seja, estão na rua esmolando por vontade própria, pois de acordo com alguns deles, seus pais não sabem que estão desenvolvendo este tipo de atividade na rua. É de ressaltar aqui uma situação que aconteceu durante o trabalho de campo em que o informante, a criança RR, disse que não podia ser visto junto com a pesquisadora. Segundo ele *“Ninguém pode perceber que peço dinheiro na rua... eu só peço dinheiro para os turistas... eles não me conhecem... o meu pai não pode saber que eu peço dinheiro... ele pode me bater e não me deixar sair de casa”* (fala da criança RR de 11 anos de idade).

No caso da criança AA de 10 anos de idade, relatou o seguinte:

“A minha mãe sabe que eu fico na rua pedindo dinheiro... ela não gosta que eu durma na rua... por isso vou para casa todos os dias... quando não tem nada em casa para comer ela me fala... vai procurar alguma coisa na rua... às vezes eu levo comida... dinheiro... qualquer coisa...” (fala da criança AA de 10 anos de idade).

Alguns estudos e pesquisas realizados no Brasil sobre as crianças e adolescentes que estão em situação de rua, ou seja, que vão à rua em busca de sobrevivência (Fausto e Cervini, 1991) dividem-nas em três tipos que acabam por coincidir com a realidade das crianças e adolescentes que fazem parte tanto do nosso estudo como da realidade das crianças e adolescentes em situação de rua nos principais centros urbanos de Cabo

Verde. Os tipos citados são: primeiro os que fazem algumas atividades na rua por vontade ou por conta própria; segundo, os que são incentivados pela família; e terceiro os trabalhadores de rua vinculados ao adulto, ou seja, crianças e adolescentes que são empregados na rua por um adulto. Cabe ressaltar que não encontramos no nosso estudo este terceiro tipo de situação.

Como vimos, as crianças e adolescentes da nossa pesquisa são pobres e por terem algumas dificuldades em casa e poucos recursos financeiros, acabam indo para a rua á procura de sobrevivência. Na rua desenvolvem algumas estratégias para ganhar dinheiro, o que contribui para que eles sejam denominados de “*meninos de rua*”, apesar de serem apenas crianças e adolescentes em situação de rua como apontamos e acreditamos que sejam.

Outro aspecto que a pesquisa de Porto Novo nos mostrou é que a maioria dos entrevistados ficava na rua durante o dia e uma parte da noite. Sete dos nossos informantes disseram que ficavam na rua durante dia e noite e quatro afirmaram que ficavam apenas durante o dia. Mas é de realçar que todos eles regressavam para casa dos seus familiares ou de algum conhecido ou amigo para dormir. Apenas três dos nossos entrevistados afirmaram que já tinham dormido na rua. Segundo eles isso aconteceu na época de verão que coincide com as festas tradicionais e de romaria que são festejadas no mês de Junho na ilha.

Já a pesquisa realizada pelo CIESPI, no Rio de Janeiro, mostrou outra realidade, pois os entrevistados eram crianças e adolescentes que podemos chamar de “*meninos (as) de rua*”, pois trabalham e dormem nas ruas e ainda, alguns deles, já tinham rompido completamente os seus vínculos familiares, e já faziam parte da “*cultura da rua*”, ao contrário dos meninos que fizeram parte da nossa pesquisa que são *crianças e adolescentes em situação de rua*.

Em seguida apresentaremos a história de vida de uma criança de 11 anos de idade e de dois adolescentes de 13 anos de idade que se mostraram interessados em participar da entrevista. Consideramos importante a elaboração das histórias de vida, na medida em que nos possibilita resgatar alguns aspetos da vida da criança ou adolescente. E com isso ter elementos, informações que nos possibilita discutir e analisar algumas categorias como “filho de dentro” X “filhos de fora”; o processo de ida para a rua; o cotidiano das ruas; vínculos familiares; e as percepções de mundo, que serão discutidos mais a frente.

5. 2

Três Crianças e Adolescentes da Cidade de Porto Novo Contam Suas Histórias de Vida

HISTÓRIA DE VIDA DA CRIANÇA A:

Esta criança tem 11 anos de idade é do sexo masculino e morava com a avó, a mãe e mais três irmãos (uma menina e dois meninos) na cidade de Porto Novo. A criança A, é *filho de fora* assim como os seus três irmãos, pois cada um deles tem um pai diferente. Segundo A, o seu pai morreu quando ele tinha 10 anos de idade, e ele tinha outra família assim como os pais dos seus irmãos. A criança A relatou que sua mãe é desempregada e a família depende da aposentadoria da sua avó que é a chefe da família. A família vive na casa da avó que é constituída por dois cômodos. Esta criança estudou até 4ª classe (4ª série) porque a sua mãe não tinha condições de mantê-lo na escola, disse ainda que gostaria de voltar a estudar.

A criança A, foi criada pelos pais e começou a ir para a rua com 9 anos de idade por influência do seu amigo um ano antes da morte do seu pai.

Pesquisadora: Com quem você foi para a rua?

Criança A: *“Com meu amigo... ele me chamou para ir brincar com ele... passamos muito tempo andando de um lado para outro... fomos para vários lugares... Porto, Praça dos Pescadores, Alto Peixinho, Armazém, Abufador... pedimos dinheiro para as pessoas e compramos pão, leite e doces... na Praça dos Pescadores, ajudamos os pescadores venderem os peixes e lavar os botes...”*

Segundo a criança A, seu amigo lhe contava que na rua eles podiam fazer todas as coisas que queriam que não tinha ninguém para dizer o que eles podiam e não podiam fazer e que podiam pedir dinheiro para as pessoas e comprar comida, roupa, doces, daí começou a sentir interesse em ir para a rua a procura de liberdade e de dinheiro.

A criança A relatou que no início não ia para as ruas somente nos finais de semana. *“Só ia para as ruas no final de semana... porque tinha movimentação de turistas... porque conseguia dinheiro mais rápido”*. Com a morte do seu pai intensificou a sua ida para a rua porque a mãe não tinha trabalho e eles não tinham o que comer em casa. Então a rua apareceu como uma alternativa para ele porque conseguia dinheiro para satisfazer as suas necessidades e às vezes ajudava a mãe quando podia com algum dinheiro.

Segundo a criança A, depois da morte do seu pai, sua mãe arrumou outro companheiro. Relatou ainda que o novo companheiro da sua mãe tinha outra família, mas sempre que podia dava um dinheiro para a sua mãe e ajudava nas despesas e no sustento da casa.

Esta criança passa o dia inteiro na rua à procura de sobrevivência. Pede dinheiro para os turistas e moradores locais; ajuda os pescadores na venda dos peixes e na limpeza dos botes, faz trabalhos para as pessoas mais velhas como transmitir recados e compara algo nas lojas. A criança A, gostava de ficar na rua porque se sentia livre e também porque podia ajudar a sua família. Esta criança passa todo o dia na rua, mas, a noite volta para casa porque têm medo de dormir na rua.

“Eles pegam as crianças que estão nas ruas... levam para outros lugares... os bandidos podem me bater e me levar para longe de casa... a minha mãe sempre fala que tem pessoas maldosas na rua e levam criança para estrangeiro... então à noite eu fico com medo e vou para casa... na rua tem muita violência também... as pessoas ficam brigando... atirando com pedras e garrafas... fico com medo de me machucar...” (fala da criança A, de 11 anos de idade).

A criança A já dormiu algumas vezes na rua na época das festas tradicionais como São João que é uma festa popular da cidade. Esta festa acontece nos dias 24 e 25 do mês de junho, mas durante todo o mês tem atividades culturais que leva muitas pessoas a rua durante as noites. A festa vai até madrugada por isso a criança A acabou por dormir na rua na companhia dos amigos. A criança A, relatou que costuma pular no quintal das pessoas para pegar roupa e comida, mas relatou que só faz esta atividade quando está com os amigos.

Esta criança oscila entre a casa e a rua e não tem lugar fixo na rua para ficar. Pois perambula pelos bairros mais movimentados da cidade porque são nesses lugares que ele consegue comida e dinheiro. Na rua ele aprendeu a observar o comportamento das outras pessoas, *“(...) vejo pessoas brigando, jogando dinheiro, usando drogas, quebrando garrafas nas ruas, e bebendo (cerveja, grogue, vinho), muitas vezes sou eu que vou comprar as bebidas para eles (...)”*.

Esta criança já sofreu violência dos meninos mais velhos na rua, pois relatou o seguinte: *“... eles são muitos abusados, apanho sempre deles, tomam as minhas coisas e meu dinheiro (...)”*.

Esta criança apontou a liberdade como algo de bom que existe na rua e a violência como o lado ruim ou negativo da rua. Relatou que teve uma época que pensou

em deixar de ir para a rua, e foi ajudar uma senhora que vende pão porque conseguia em troca comida e dinheiro e com isso podia ajudar a sua mãe, mas depois voltou para rua porque sentia enfiado, preso em casa. A rua representa para a criança um lugar de liberdade e de luta para a sobrevivência.

A pessoa que esta criança mais gosta é o amigo Djony, porque eles estão sempre juntos. Disse também que gosta da mãe apesar de relatar que sempre que está em casa costuma apanhar da sua mãe. A criança fala com tristeza sobre a sua mãe. A criança A, disse ainda que gostaria de ser professor e trabalhar com as crianças no futuro. O seu maior sonho é ter uma casa para morar com a família e ter um trabalho.

HISTÓRIA DE VIDA DO ADOLESCENTE R:

Este adolescente tem 13 anos de idade, é do sexo masculino e morava na cidade do Porto Novo. É filho de um professor e uma desempregada. O adolescente R nos informou que já morou com vários membros da sua família, pois, quando nasceu a sua mãe levou-o para morar com uma senhora que ele chama de avó, e ficou com ela até quase quatro anos de idade. Segundo o adolescente R, essa senhora não é sua avó de verdade, mas é como se fosse porque foi ela que criou a sua mãe. R morou com essa senhora durante esse período porque logo depois do seu nascimento a sua mãe ficou doente e não podia cuidar dele.

Com a recuperação da mãe, R foi morar com ela e os seus dois irmãos no bairro de Chã de Camoca. Depois de mais ou menos dois anos nesse lugar a família do adolescente R se mudou para o bairro de Chã de Itália porque não tinha condições de pagar o aluguel da casa. Ficaram nessa casa até R completar 6 anos de idade .

Foi nesse momento que o adolescente R começou a presenciar a agressão constante do seu pai contra a sua mãe e os seus irmãos.

“(...) O meu pai fumava e bebia muito... ele chegava assim... bêbado em casa... a minha mãe não abria a porta para ele... ele ficava empurrando a porta para entrar ... então ele ficava com raiva... quando conseguia entrar batia em todo mundo... teve uma vez que ele entrou pela janela e bateu em todos nós ... outra vez ele fez a mesma coisa então a minha mãe jogou uma panela de água quente nele... ele agredia muito a minha mãe (...)” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

Com essa idade, o adolescente viajou com a mãe para a ilha de São Vicente. Segundo R, eles ficaram algum tempo nessa ilha porque a mãe precisava de cuidados

médicos porque estava com vários problemas de saúde. Quando a sua mãe se recuperou voltaram para a sua ilha natal e foram ao encontro dos seus irmãos que tinham ficado.

O adolescente R é “filho de fora” e não teve muita convivência com o seu pai porque, este tinha outra família e outros filhos, e não parava muito tempo na casa da sua mãe. “(...) o meu pai tinha outra família também... mas estava com a minha mãe também... ele tinha quatro mulheres... ele tinha minha mãe... Joana... Dina... e mãe de uma irmã minha que está na ilha do Sal... mas eu não sei o nome dela (...)”.

O Adolescente afirma que não gosta do pai e tem raiva dele porque não ajuda a sua mãe e também se sente prejudicado e injustiçado em relação aos outros filhos. Isso porque o seu pai tem nove filhos mais ajuda apenas os filhos da sua atual companheira e a menina que esta na ilha do Sal.

“(...) meu pai não gosta de ajudar em casa... de dar dinheiro para a minha mãe comparar as coisas... sabe aquela minha irmã que mora no Sal... ele manda todos os meses 17 a 19 mil escudos (cerca de 200 dólares que equivale a mais ou menos 450 reais)... e aquela menina que vive com ele, todo mês ele dá para ela 20 a 26 mil escudos (cerca de 260 dólares que equivale mais ou menos 550 reais)... e para a gente ele dá apenas 500 escudos (cerca de 15 dólares que equivale a mais ou menos de 33 reais) que não serve para nada (...)”; “(...) ele é professor... ele ganha muito dinheiro... ele só ajuda a sua filha que esta na ilha do Sal e os filhos que ele tem com essa menina agora... são dois... eles moram juntos... ele têm mais 6 filhos... mas não ajuda... ele ainda cria os outros dois filhos dessa menina que nem são filhos dele (...)” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

Atualmente o adolescente diz que mora com os três irmãos filhos da sua mãe e seus quatro sobrinhos numa casa constituída por cinco cômodos incluindo banheiro e cozinha, no qual a chefe da família é a irmã mais velha de 21 anos de idade, que vive do apoio do pai de seu filho, que mora na Europa. Os seus três irmãos são todos filhos do mesmo pai e da mesma mãe, apesar do seu pai ter outra família.

O adolescente R estava morando com a mãe quando saiu de casa pela primeira vez na companhia do irmão que o obrigou a pedir dinheiro na rua, na altura com seis anos de idade. “(...) a primeira vez fui com meu irmão e um amigo dele... ele me disse que eu tinha que pedir dinheiro para as pessoas porque senão ele ia me bater... eu não queria fazer o que ele estava falando... fiquei com medo então fui e pedi (...)”. Depois desse dia passou a sair sempre com o irmão e com o amigo dele. Eles passavam o dia inteiro na rua. Como ele era mais novo era responsável por abordar as pessoas e pedir dinheiro, o seu irmão e o colega faziam pequenos serviços na praia dos pescadores,

ajudando no descarregamento dos botes e na limpeza do mesmo. Recebiam em troca dinheiro ou peixe que levavam para casa.

Segundo R, com oito anos de idade, começou a ir para a rua sozinho, porque o irmão que estava com dez anos não queria ficar mais na rua. O adolescente R ficava na rua no período diferente do horário escolar. Parou de estudar na 3ª classe (3ª série) porque já tinha si reprovado na 1ª e 2ª classe (série) e não tinha mais idade para entrar na 3ª classe (série), pois, já estava com 12 anos.

Na rua o adolescente R, fez várias amizades e conheceu várias crianças e adolescentes que também estão em situação de rua. É com estas crianças e adolescentes que ele passa a maior parte do seu tempo, brincando, jogando bola, ou fazendo algo que lhe dê um retorno em dinheiro ou comida nos diversos pontos da cidade. Como Armazém, Praia dos Pescadores, Alto Peixinho e Abufador. Nesse processo que já tem cerca de sete anos, ele conheceu algumas pessoas inclusive o Procurador da República, senhor E, que, segundo ele, o ajuda muito porque quando está enfiado na rua vai para casa dele porque ele lhe trata bem (...) *ele também gosta de mim... fico vendo televisão, tomo banho às vezes, ele me dá comida... ele me trata bem como se eu fosse uma pessoa igual a ele (...).*

Também conheceu um professor que é de Canárias “(...) *ele é de Canárias e agora é professor de formação na escola técnica de Porto Novo... é uma pessoa muito boa... tudo o que eu peço para ele, ele me dá, menos coisas caras... sempre quando ele vem de viagem, ele me trás presente, me dá dinheiro (...)*”.

A rua é um lugar no qual o adolescente passa maior parte do seu tempo, pois, ele fica o dia inteiro na rua andando de um lado para o outro a procura de sobrevivência; e também para fugir dos momentos de tristeza que vivia na sua casa, pois ele não podia fazer as coisas que queria como dormir até tarde e ainda tinha de presenciar a violência do seu pai contra sua mãe e seus irmãos, assim como fugir da violência que ele mesmo sofria, pois era agredido tanto pelo pai como pelos irmãos mais velhos.

Apesar da casa representar para ele um espaço de violências, sofrimento, o adolescente R sempre preferiu dormir em casa, pois para ele é um lugar mais seguro que a rua, pois sente medo das pessoas que usam drogas, dos bandidos e dos bêbados. Cabe ressaltar que nesses sete anos de andança pela rua, R já dormiu algumas vezes na rua sozinho e com alguns amigos na praça dos pescadores que fica no bairro do Armazém e no bairro do Abufador no quiosque da Coca – cola. Também relatou que já dormiu por algumas vezes na casa de alguns dos seus amigos.

A pessoa mais importante para R é a sua mãe e sua avó, porque segundo ele foi

“(...) ela que me criou... ela que busca as coisas para levar para a casa para a gente comer... ela que me faz tudo na vida... eu nunca conseguiria retribuir a minha mãe tudo o que ela fez por mim... mesmo se eu tivesse muito dinheiro não conseguiria paga-lá... gosto também daquela senhora que me criou quando eu era pequeno (...)” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

HISTÓRIA DE VIDA DO ADOLESCENTE S:

Este adolescente tem 13 anos, é do sexo masculino e morava na cidade do Porto Novo. Estudou até 4ª classe (4ª série). Parou de estudar porque não tinha materiais escolares e roupas, também porque não gostava de ir para escola. Disse que gostaria de estudar este ano.

Este adolescente disse que morava com o pai e seus irmãos (três rapazes e uma menina) numa casa constituída por dois cômodos, uma sala e um quarto que foi cedida pela Câmara Municipal. O chefe da família é o irmão mais velho que trabalha numa padaria. O pai é desempregado e a mãe saiu de casa porque sofria violência doméstica. O adolescente e os seus irmãos são filhos de fora.

O adolescente foi criado pela sua avó (materna) dos 3 anos até 10 anos de idade, altura em que a avó morreu, então teve que voltar para a casa do pai. Foi nesse momento que o adolescente começou a ir para rua na companhia de um amigo da mesma idade para pedir dinheiro e brincar.

Apesar do adolescente relatar que morava com o pai e irmãos ele não tinha contato freqüente com eles nem mostrou ter algum tipo de sentimento, de relações afetivas com os mesmos. O adolescente falou com muito carinho da avó que morreu e de uma senhora que considera sua amiga, mas relatou que a pessoa que mais gostava era a sua mãe porque foi ela que a colocou no mundo. O adolescente não falou da mãe e não mostrou que tinha algum sentimento com a mãe. Ao contrário do que aconteceu com a avó e com a tal senhora que é a sua amiga. O adolescente se sente muito à vontade para falar da sua avó e da sua amiga, fala com amor e mostra que tem um grande sentimento por elas. Falou que ficou muito triste quando a sua avó morreu.

O adolescente passava o dia inteiro na rua brincando com os amigos e pedindo dinheiro para os turistas e pessoas da cidade. Com o dinheiro ele comprava comida, roupa, doces, e às vezes dava uma parte para a sua mãe.

O adolescente disse gostar de estar na rua porque se sentia livre e também porque a rua é um espaço no qual ele conseguia dinheiro. Relatou que sentia medo de ficar na rua durante a noite por causa da violência, por isso às vezes dormia em casa e às vezes dormia com o amigo.

O adolescente perambula pelos lugares mais movimentados da cidade (Abufador, Alto Peixinho, Armazém – que são os bairros comerciais e hoteleiros – e não tem lugar fixo para parar. Oscila entre a casa – rua – casa de uma conhecida, e gosta de andar sozinho nas ruas. O adolescente não gosta de conviver com os adolescentes mais velhos porque segundo ele “são abusados, fazem maldades, batem nos mais novos e tomam as minhas coisas”.

Disse ainda que a “rua não tem nada de bom... tem muita violência... brigas e maldades”. Mas, mesmo assim prefere ficar mais na rua a ficar em casa porque se sente enfadado em casa, e também porque na rua se sente livre e consegue dinheiro com facilidade. O adolescente já pensou em sair da rua, mas não conseguiu porque em casa ele não tinha nada para fazer. Ele sentia falta de andar pelas ruas, ver pessoas e fazer as coisas que estava acostumado a fazer.

O adolescente não gosta do jeito que as pessoas olhavam para ele

“as pessoas me olham com um olhar estranho, sentem raiva de mim... falam mal e, às vezes parece que vão me comer com os olhos. Não gosto que me olhem assim, elas pensam que eu sou ladrão, queria que eles me vissem como uma criança normal, não faço mal para ninguém nunca agredi uma pessoa (...)” (fala do adolescente S, 13 anos de idade).

O adolescente gostaria de ser policial no futuro e seu maior sonho é conseguir um carro para trabalhar e conseguir dinheiro para comprar uma casa para sua mãe.

Em seguida faremos uma discussão sobre algumas categorias que consideramos fundamentais para a discussão e melhor entendimento do fenômeno das crianças e adolescentes em situação de rua.

5.3

As Categorias de Análise: Algumas Reflexões Sobre o Estudo de Porto Novo e do Rio de Janeiro

Este item tem por objetivo fazer uma discussão e análise de cinco categorias que consideramos importantes e fundamentais para que haja uma melhor compreensão da vida das crianças e adolescentes em situação de rua. Iniciaremos a discussão com a análise dos Padrões Culturais e Reprodutivos que são fundamentais para compreensão das questões dos “*filhos de dentro*” e “*filhos de fora*” que é a nossa primeira categoria de análise. Esta discussão se torna necessária, uma vez que a maioria das crianças e adolescentes que encontramos em situação de rua na cidade de Porto Novo, como vimos acima, são filhos de outro relacionamento dos seus pais.

As outras quatro categorias são: O Processo de Ida Para a Rua; As Relações Afetivas; O Cotidiano das Ruas; e As Percepções das Crianças e dos Adolescentes em situação de rua. Tais categorias foram selecionadas com base no estudo do CIESPI realizada no Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que estaremos traçando alguns paralelos entre os dois estudos sempre que possível. Para a discussão destas categorias lançaremos mão principalmente da literatura brasileira, uma vez que não encontramos literatura de Cabo Verde sobre o assunto. Escolhemos estas categorias porque nos permitem ter uma visão e um entendimento mais ampliado da vida as crianças e adolescentes que estão em situação de rua.

5. 3. 1

Padrões Culturais e Reprodutivos: “*Filhos de Dentro*” X “*Filhos de Fora*”

A questão dos “*filhos de dentro*” e “*filhos de fora*”, foi um dos pontos abordados nas entrevistas, cujo objetivo foi de averiguar se existia alguma relação entre ser “*filho de fora*” e estar em situação de rua. A pesquisa nos mostrou que é possível fazer esta relação, na medida em que a maioria (nove) das crianças e adolescentes entrevistadas, que encontramos em situação de rua, são “*filhos de fora*”. Este estudo nos mostrou também que o fato de serem “*filhos de fora*”, pode contribuir para que os seus vínculos famílias sejam fragilizados assim como o contato com seus pais biológicos seja também reduzido, apesar deste não ser o único motivo. É de realçar

ainda que muitos dos nossos entrevistados apontaram a mãe com sua principal referência.

Segundo o estudo etnográfico, realizado em Cabo Verde, sobre a saúde das crianças menores de cinco anos, a sociedade Caboverdiana caracteriza-se por uma poligamia informal, ou seja, é uma organização social no qual ocorrem múltiplos parceiros concomitantemente. Este estudo também mostrou que cerca de 80% das crianças Caboverdiana nasceram fora dos laços matrimoniais e as mulheres chefes de família chegam a 62% em algumas áreas rurais.

Segundo o mesmo estudo o termo mais adequado para o caso de Cabo Verde seria a poligamia e não poliginia, isso significa que os homens mantêm relações sexuais com várias mulheres ao mesmo tempo, e muitas vezes tendo filhos com duas ou três delas simultaneamente. A poligamia masculina ou poliginia parece ser muito mais freqüente de que a poligamia feminina ou poliantria. O que diferencia a poligamia feminina da masculina é que as mulheres têm freqüentemente filhos com dois, três ou quatro homens diferentes, mas em sucessão. Embora elas possam manter relações sexuais dentro de um período curto de tempo, não há casos documentados de alguma mulher que continuasse a ter filhos com o seu primeiro parceiro após tê-lo tido com um segundo homem. Neste sentido, o termo poligamia serial é o mais adequado no caso das mulheres Caboverdianas.

Em Cabo Verde homens e mulheres que vivem juntos e tem filhos, a não ser que sejam legalmente casados, são considerados solteiros. Os termos “*pai de filho*” e “*mãe de filho*” são os termos usados para designar o pai da criança e a mãe da criança, isso mostra como a sociedade concede maior valor aos padrões reprodutivos do que aos papéis conjugais. Essa situação mostra que as características básicas do relacionamento entre o homem e a mulher na sociedade Caboverdiana pode refletir nas representações e nas percepções que as famílias e a própria sociedade têm da criança. Pois, as crianças consideradas “*filhos de fora*” são discriminadas e excluídas, uma vez que os pais (homens) não assumiram as suas responsabilidades de pai, tirando da criança toda a possibilidade de ter uma referência paterna na sua educação.

Cabe ressaltar, que existem três tipos de união que predominam no país: paternidade biológica com casamento; paternidade biológica com coabitação e paternidade biológica sem coabitação. Na pesquisa que realizamos não encontramos nenhum caso de paternidade biológica com casamento; encontramos sim, um caso de

paternidade biológica com coabitação e dez casos de paternidade biológica sem coabitação.

O reconhecimento da paternidade biológica afirma-se de três formas: registrar a criança; levar a criança para passear em público e “*cortar leite*”². É de realçar que a maioria das mulheres Caboverdianas procura e deseja coabitar com o seu *pai de filho*, para fugir da estigmatização, discriminação e preconceito que recai sobre as mulheres que têm mais do que um *pai de filho* e sobre a criança que é conhecida como “*filho de fora*”. O casamento geralmente é realizado quando a união é mais sólida, pois a parceria é mais firme do que maternidade e paternidade.

Devido à situação de poligamia, tanto masculina como feminina que caracteriza o relacionamento existente entre homens e mulheres em Cabo Verde, a *outra mulher*, ou seja, a *mulher de fora* que é discriminada e não dispõe das mesmas condições de igualdade que a *mulher de dentro* (esposa). O filho nascido fora do casamento também enfrenta as mesmas dificuldades que a mãe. Deste modo, os “*filhos de fora*” acabam por enfrentar vários problemas no decorrer da sua formação enquanto indivíduo. Problemas estes que as crianças consideradas “filhos de dentro” não enfrentam. Um dos problemas enfrentados pelas crianças e adolescentes que são considerados “*filhos de fora*” é o não registro de nascimento, que se constitui num grande obstáculo para aceitação destas crianças e adolescentes na sociedade. Por vezes o pai não registra o filho por este ter nascido fora do casamento, como também podem alegar que não tem certeza sobre a paternidade. Estas situações contribuem para que as crianças e adolescentes que se encontram nesta situação sejam cada vez mais discriminados e excluídos da sociedade.

O não registro de nascimento das crianças e conseqüentemente o abandono por parte do pai é um problema presente na sociedade Caboverdiana. Segundo o estudo “*A problemática das crianças sem registro*” (IMC, 2000) as razões apontadas pelas mães para explicar o não registro de crianças foram: desleixo, ausência ou desinteresse do pai ou ainda a falta de dinheiro. Segundo o mesmo estudo, 80% das crianças caboverdianas nascem de uniões extraconjugais, o que não deixa de constituir um constrangimento ao registro de nascimentos. Deste modo, as crianças que não foram registradas encontram algumas dificuldades para terem acesso a alguns dos serviços oferecidos pelo Governo

² Cortar leite é uma tradição existente no país em que o pai tem relações sexuais com a mãe da criança entre 30 e 45 dias após o parto. Diz-se que esta prática purifica o leite, torna-o mais forte e até aumenta a sua quantidade. Segunda esta tradição as crianças que não têm pai para cortar o leite podem ficar fracas e doentes.

como, por exemplo, o acesso à escola, e também acabam por ficarem sobre a total responsabilidade das mães, que são conhecidas como “*mãe de filho*”.

A pesquisa que foi realizada em Porto Novo também mostrou essa realidade uma vez que das onze crianças e adolescentes que fizeram parte da pesquisa oito estavam sobre a responsabilidade de uma mulher que é a chefe da família. Dos quais três são mães; quatro avós e uma irmã.

Em 1997 houve uma mobilização em Cabo Verde no sentido de reformular o Código da Família para que a situação das crianças sem registro de nascimento fosse regulamentada. Nesse sentido, o registro de crianças tornou-se obrigatório, e os pais têm trinta dias após o nascimento da criança para registrá-la, caso contrário, eles serão obrigados a pagar uma multa. Essa lei vem incentivando e obrigando o exercício da paternidade, não apenas formal através de registro, mas também forçando o pai a contribuir no sustento do filho, e dividir a responsabilidade da educação da criança com a mãe. A obrigatoriedade do registro da criança também veio a contribuir para que as mães tivessem consciência de que o pai tem obrigação para com os filhos, e buscar a justiça para que esta instituição obrigue o pai a cumprir com as suas obrigações.

Neste sentido, o estudo realizado sobre as crianças Caboverdianas na cidade da Praia, 1999, mostrou que para

“alguns informantes jovens e adultos o registro de nascimento é fundamental não apenas porque facilita os procedimentos burocráticos que envolvem a criança, mas porque isto tem atualmente em Cabo verde, um valor social positivo. O registro de nascimento serve à mulher como instrumento reivindicatório judicial em caso do não cumprimento do sustento econômico da criança” (Keil³, 1999, pg 30).

De acordo com o estudo referido acima, as mães, na maioria das vezes, preferem morar junto com o pai da criança, porque esse fato pode ser considerado um elemento crucial na determinação do tipo de vida que a criança tem e terá, tendo em conta que a sociedade é bastante preconceituosa com as crianças que nasceram fora do casamento e/ou então aquelas que são filhos de mãe solteira. A pesquisa nos mostrou que a maioria das crianças e adolescentes entrevistados vivia num ambiente familiar em que não existia

³ Ivete L. Manetzeder Keil, é uma Antropóloga e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – São Leopoldo – Rio Grande do Sul – Brasil, contratada pela UNICEF – Cabo Verde, para realizar um estudo sobre as crianças Caboverdianas na cidade da Praia de Novembro de 1998 até Janeiro de 1999.

a presença de ambos os pais, constituindo assim numa situação que pode favorecer a sua ida para a rua.

5. 3. 2

O Processo de Ida Para a Rua

Os estudos e pesquisas existentes sobre o fenômeno das crianças e adolescentes em situação de rua nos mostram que a presença de conhecidos, amigos, colegas na rua é um elemento importante para que uma criança ou adolescente comece a ir para a rua. É a presença destes conhecidos na rua que faz com que a criança ou o adolescente comece o processo de oscilação entre o espaço da casa e a rua, pois geralmente são atraídas pelas histórias que os amigos ou conhecidos contam da rua que são cheias de aventuras e fantasias.

Como vimos no início deste capítulo seis dos nossos estudados foram para a rua através do contato que tinham com seus amigos que já estavam na rua. Apesar dos nossos informantes afirmarem que preferiam ficar sozinhos na rua, os estudos existentes apontam que dificilmente as crianças e os adolescentes deixam as suas casas para ficarem sozinhos nas ruas. No caso das crianças e adolescentes do nosso estudo devemos entender a preferência deles de estarem sozinhos, como uma estratégia para não dividir com seus colegas o que conseguem através da esmola e da realização de pequenos serviços.

A saída das crianças e dos adolescentes da casa para a rua não se dá de uma vez só, ou de uma maneira bruta, mas sim é um processo lento que depende da situação de cada criança ou adolescente. O primeiro momento de ida para a rua, que consideramos ser a fase que as crianças e adolescentes do nosso estudo estão apesar delas terem em média mais de três anos nessa situação, é o momento em que elas estão se oscilando entre vários espaços de convivência, como por exemplo, a casa dos seus pais, dos vizinhos, dos conhecidos e a rua. As crianças e os adolescentes ficam num movimento de ida para a rua e volta para a casa constante até se definirem em que lugar ficar. A definição de um lugar ou de um território é muito difícil para as crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua.

É de realçar que o processo de ida para a rua não depende exclusivamente dos acontecimentos circunstanciais que acontecem em casa. Segundo Lucchini,

“certas crianças partem sem que haja um motivo familiar aparentemente que ameace sua posição dentro da família. A criança não deixa seu domicílio a partir das primeiras dificuldades ou situações violenta. Além disso, existem diferenças importantes entre meninos e meninas. Para as meninas as condições de acesso à rua não são as mesmas e, em condições familiares iguais, os meninos deixam mais rapidamente o domicílio familiar. É o que chamamos de acesso diferencial da menina ao mundo da rua” (Lucchini, 2003, pg 50).

Esse mesmo autor ainda afirma que *“nem a miséria e nem a violência são suficientes para explicar a partida da criança para a rua; é preciso que outros intervenham”* (Lucchini, 2003, pg 51). Deste modo, um fator que tem uma contribuição importante no processo de ida para a rua é o fascínio que a própria rua exerce sobre as crianças e os adolescentes (Vogel e Mello, 1991). É neste sentido, que quando alguma criança ou o adolescente vive numa situação de dificuldade, uma vez que a família não tem como satisfazer as suas necessidades básicas, ou ainda quando vive numa situação de violência, a rua acaba por atrair a sua atenção, pois aparece como uma alternativa para os seus problemas.

A nossa pesquisa nos mostra que o pressuposto que faz com que as crianças e adolescentes partam para a rua, é a possibilidade de conseguir dinheiro. Isso porque todas as crianças e adolescente do estudo, como vimos no início deste capítulo, relataram que ficam na rua à procura de dinheiro para garantir a sua sobrevivência.

A situação de pobreza apareceu na nossa pesquisa como o principal motivo que impulsionavam as crianças e os adolescentes para a rua, pois no total de onze crianças e adolescentes abordados oito disseram que foram para a rua, porque passavam por dificuldades em casa. Apesar da violência doméstica não ter aparecido de forma expressiva, pois apenas três crianças e adolescentes relataram que sofreram violência em casa e por isso foram para a rua, não devemos ignorá-las. Isso porque a violência, juntamente com a possibilidade de aventura e a suposta liberdade da rua apareceram nas pesquisas realizadas no Brasil como um dos principais motivos que impulsionavam as crianças e os adolescentes para as ruas.

Cabe aqui destacar a contribuição de Vogel e Mello que dizem que,

“Esta saída não deve, entretanto, ser posta a conta das condições de pobreza tão somente. É necessário acrescentar-lhes, ainda, o fator recorrente de certas formas de desagregação na família. Em muitos casos isso não é bastante, pois se verifica a presença de outra variável motivacional, a curiosidade, que vê na saída para a rua uma aventura. Nessa aventura finalmente se uni o útil ao agradável, porque na maioria das vezes o mundo da rua oferece mais conforto do que o grupo

doméstico, permitindo escapar não só a vida parca, mas ainda da “cobrança” e da “alugação” a que se submete, irremediavelmente, quem vive no seio da família” (Vogel e Mello, 1991, pg 143).

Os estudos realizados sobre o tema nos mostram ainda, que outro motivo que contribui para que a criança e o adolescente partam para a rua é a sensação da ausência tanto de pessoas adultas como de relacionamento ou vínculos familiares em seus domicílios. Pois algumas crianças passam muito tempo em casa sozinha ou na companhia de um irmão mais velho, na medida em que os pais saem de casa cedo para o trabalho e só regressam ao anoitecer. Neste sentido, a rua aparece como um espaço perfeito para a criança ou adolescente, pois existe uma grande movimentação de pessoas, espaços de lazer como praças, praia de mar etc.

Deste modo, a discussão que Vogel e Mello fazem no seu estudo sobre criança e adolescente em situação de rua é fundamental para a compreensão da oposição que existe entre a casa e a rua, pois segundo estes autores

“tão problemática quanto à casa violenta parece ser a casa vazia (...) a ausência continuada dos pais, ou de pessoas de geração ascendente, que lhes façam às vezes, empobrece o grupo doméstico como instância da vida social. Em conseqüência, deixam de funcionar os dispositivos de controle. Juntamente com eles desaparecem as atenções e cuidados, bem como os momentos de ritualização da unidade corporada do grupo” (Vogel e Mello, 1991, pg 144).

Esses dois autores afirmam ainda que

“violenta ou vazia em muitos dos casos, a casa representa para a criança uma perspectiva de servidão, (...) este quadro mostra bem a transformação da casa, que deixa de ser um espaço onde a criança encontra abrigo, cuidado, orientação, ocasiões de sociabilidade e tempo livre para si mesma, para tornar-se um espaço de conflito, risco, solidão e servidão; onde em vez de lhe ser dada, a infância é lhe tolhida” (Vogel e Mello, 1991, pg 144).

Na nossa pesquisa, através dos relatos de algumas crianças percebemos que para elas a casa era um espaço vazio que não os motivava a ficar nela. *“Sinto enfadado em casa... não tem nada para fazer... não tem televisão... não tem jogos... não tenho brinquedo... não tem nada para se divertir...”* (fala da criança AA, 10 anos de idade). *“Minha casa não tem nada para se divertir... eu tenho que sair... só tem trabalho... e trabalho... na rua tem mar... praças... eu posso brincar com os meus amigos...”* (fala do adolescente R, 13 anos de idade). É neste sentido que a rua aparece como um local no qual elas podem realizar os seus sonhos e desejos de lazer e diversão.

Outro fator que pode estar na origem da partida das crianças ou adolescentes para a rua é o relacionamento amoroso das suas mães. Como vimos acima, os relacionamentos dos pais das crianças e adolescentes do nosso estudo são fragilizados e temporários o que faz com que algumas das mulheres, principalmente as pertencentes às camadas mais pobres da população, como é o caso das mães dos nossos estudados, acabam por ter vários filhos de pais diferentes. Esta situação de instabilidade do relacionamento da mãe e a presença de outros membros na família, no caso o companheiro pode contribuir para que a criança ou o adolescente se afaste cada vez mais da casa e da família por um lado, e por outro se aproxime da rua, tendo em conta que, nem sempre as relações que se estabeleçam em casa são harmoniosas, na medida em as crianças podem não aceitar o novo companheiro da mãe.

Apesar de no nosso estudo nenhum informante ter apontado a presença do padrasto como motivo que os levou a procurar a rua, no estudo coordenado pelo CIESPI no Rio de Janeiro, as crianças e os adolescentes entrevistados apontaram a presença do padrasto ou da madrasta como fator determinante para sua partida para a rua.

Entrevistador: Com 10 anos você saiu de casa pela primeira vez. Por quê?

Aldair: Foi por causa da minha madrasta. A segunda foi por causa do meu pai.

Entrevistador: Explica como foi a primeira vez.

Aldair: Ela me atacou com faca, tentou me matar. Me deu essa facada na barriga. (entrevista com Aldair 17 anos de idade: Rizzini et al, 2003. pg 165).

Podemos dizer que tanto a fragilidade dos vínculos ou dos elos familiares como a sensação de casa vazia, a violência, a situação de pobreza, e outros fatores constituem um conjunto de motivos que contribuem para que as crianças e adolescentes fiquem vulneráveis e acabem por aceitar o convite do amigo, colega ou vizinho para se aventurar na rua.

Como vimos, são vários os motivos que contribuem para que as crianças abandonem as suas casas e partam para as ruas, uma vez que a rua parece ser apriori, um espaço mais acolhedor de que a casa - o que torna cada vez mais difícil manter as crianças nos seus domicílios ao lado das suas famílias. Alguns estudos realizados no Brasil nos mostram que é possível criar medidas de prevenção no sentido de fortalecer os elos familiares e comunitários das crianças e adolescentes. Sugere-se que estas medidas podem contribuir para diminuir o movimento das crianças de ida para a rua. Em outras palavras trata-se do estabelecimento de apoios familiares, comunitários, que

podem possibilitar a existência de vínculos mais fortes e duradouros, contribuindo assim para que haja maior cuidado, segurança e proteção das crianças tornando-os mais fortes e capazes de resistir ao fascínio e a atração da rua.

Este tema foi abordado por Rizzini, Barker e Cassinaga (2000), a partir do conceito de “*base de apoio*”, conceituando-o como

“recursos disponíveis na família e na comunidade, incluindo os serviços oferecidos pelo poder público e pelo setor privado. Constituem formas de suporte existentes para as crianças e os adolescentes, a partir dos laços afetivos e relações interpessoais, assim como oportunidade de participação em atividades dentro da comunidade” (Rizzini et al, 2003, pg 179).

Tendo em conta que as crianças e adolescentes do estudo estão no processo de ida para a rua, faremos em seguida uma discussão sobre os seus vínculos ou elos familiares, pois como acabamos de ver a existência de uma rede de apoio e de cuidado mútuo pode contribuir para que a criança ou o adolescente permaneça em casa.

5. 3. 3

As Relações Afetivas das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua

Por ser a família uma instituição importante na vida de qualquer ser humano e principalmente na vida das crianças e adolescentes, se torna fundamental discutir as relações afetivas, elos e vínculos que existem entre a criança, o adolescente e a sua família, pois isso nos permite melhorar e ampliar o nosso conhecimento sobre o tema.

Segundo Rizzini e Rizzini,

“Apesar do reconhecimento expresso pela maioria dos pesquisadores de que é importante estudar as relações familiares das crianças nas ruas para se ter um conhecimento mais adequado da questão, a família não tem se constituído objeto de estudo específico das pesquisas. Normalmente o tema família é abordado como uma das áreas em torno das quais precisa-se levantar informações a respeito das crianças. Conseqüentemente, via de regra, os dados sobre a família são obtidos de forma indireta através de entrevistas com as crianças, o que resulta numa visão unilateral, não contrastada com a visão dos demais membros da família” (Rzzini e Rizzini, 1991, pg 77).

Discutiremos os vínculos famílias e/ou elos ou relações afetivas das crianças e adolescentes do nosso estudo, a partir do que elas relataram nas entrevistas, tendo em

conta que não era a proposta do estudo entrevistas as famílias e/ ou outras pessoas das suas relações.

Como vimos no início deste capítulo, todas as crianças e adolescentes do nosso estudo têm aparentemente contato direto com as suas famílias, tendo em conta que todos eles voltam para a casa ao anoitecer. Isso pode contribuir para desmistificar a visão do senso comum de que as crianças e adolescentes que estão nas ruas são abandonados ou então não têm família.

A pesquisa nos mostrou que as crianças e adolescentes estão mais próximos e têm mais contato com as suas mães do que os seus pais, pois dos onze informantes, oito disseram que têm contato diário com as suas mães.

Entrevista com adolescente R, 13 anos de idade

Pesquisadora: Com quem você tem mais contato? Com o teu pai ou com a tua mãe?

Adolescente R: *“A minha mãe... eu vou para casa da minha mãe fico com ela e meu padrasto... gosto mais do meu padrasto do que o meu pai...”*.

Pesquisadora: Porque você gosta mais do seu padrasto do que do seu pai?

Adolescente R: *“Meu pai... lembra... o meu pai ele gosta apenas de agredir as pessoas... ele usava muita violência com a minha mãe e com meus irmãos... até eu já apanhei dele... (o adolescente falou com tristeza e raiva do seu pai, parecia que ele não tinha nenhum carinho, sentimento para com o pai)”*.

Pesquisadora: O que você sentia quando via essas cenas?

Adolescente R: *“Eu ficava muito triste... chorava muito... porque ele nos batia com fio de luz... eu queria ser maior e ter um trabalho para comprar uma casa e dar para a minha mãe assim ele não ia entrar...”*.

Pesquisadora: Quem são as pessoas que você mais gosta e o que é mais importante na sua vida?

Adolescente R: *“minha mãe...”*.

Pesquisadora: Por quê?

Adolescente R: *“Foi ela que me criou... ela que busca as coisas para levar para a casa para a gente comer... ela que me fez tudo na vida... eu nunca conseguiria retribuir a minha mãe tudo o que ela fez por mim... mesmo se eu tivesse muito dinheiro eu não conseguiria pagá-la... Gosto também daquela senhora que me criou quando eu era pequeno...”*.

Pesquisadora: Você tem contato com ela?

Adolescente R: *“Visito ela de vez em quando porque a filha dela não gosta de mim... e não gosta que eu vá para a casa dela...”*.

Apesar de todos os nossos informantes relatarem que dormiam em casa e tinham contato diário com pelo menos um dos pais, isso não significa dizer que os vínculos que eles estabeleciam com seus familiares eram fortes e duradouras, isso porque o contato com a família não pressupõe necessariamente a existência de relações afetivas entre a criança, o adolescente e a família.

Por passarem grande parte do tempo perambulando por vários pontos da cidade, acabam por conhecer várias pessoas e passam a conviver com elas o que leva a construção de novas amizades e relações afetivas. No seu cotidiano, as crianças convivem e se relacionam com os seus colegas que estão na mesma situação do que elas se relacionam com outras crianças e adolescentes considerados *“normais”* nas esquinas das suas casas e nos lugares públicos como praia de mar, praças etc. Convivem também com as pessoas adultas na figura dos turistas, pescadores, comerciantes, vendedores ambulantes, autoridades locais como policiais, Procurador, que fazem parte do cotidiano de rua das crianças e dos adolescentes. Algumas crianças do nosso estudo mostram que tem um relacionamento direto e afetivo com o Procurador que é uma pessoa que eles confiam e convivem.

Entrevista com adolescente R, 13 anos de idade

Pesquisadora: Você convive com outras pessoas adultas?

Adolescente: *“Sim, com os vendedores... com pescadores... e comerciantes... não é igual ao senhor E (procurador) porque eu não vou para casa deles... fico perto deles quase todo o tempo porque eles podem precisar que eu faça alguma coisa para eles... né...”?*

Pesquisadora: Porque que você vai para a casa do senhor E, (Procurador)?

Adolescente R: *“Ficar com ele, eu gosto dele... ele também gosta de mim... fico vendo televisão, tomo banho às vezes, ele me dá comida... ele me trata bem como se eu fosse uma pessoa igual a ele. Quando encontro com meu amigo (criança AA) a gente vai para casa de pessoas conhecidas como o procurador e um homem que é meu amigo... ele é meu amigo há muito tempo”*.

Entrevista com criança AA, 10 anos de idade.

Pesquisadora: Você convive com pessoas adultas na rua?

Criança AA: “*Sim...*”

Pesquisadora: Quem?

Criança AA: “*Senhor E (procurador)... ele é meu amigo... ele me ajuda quando eu preciso... eu vou para casa dele com meu amigo (adolescente R) ele nos deixa entrar... ver televisão... teve um dia que ele fez almoço na casa dele e chamou vários meninos... ele é uma pessoa muito boa...*”.

A rede de relacionamento que as crianças têm na rua, se configura como uma estratégia que tem um caráter afetivo e de sobrevivência, isso porque eles convivem, ou seja, estão próximos das pessoas que contribuem para sua sobrevivência como, turistas, vendedores, comerciantes e Procurador. Esse contato diário com estas pessoas contribui para que eles constituam vínculos, elos afetivos que muitas vezes não têm em casa. Este relacionamento também permite que elas circulem livremente pelos vários pontos da cidade, fazendo suas atividades sem serem incomodadas.

Durante a pesquisa verificamos que realmente existem elos de afetividade e confiança entre algumas das crianças do nosso estudo e o Procurador da República. Pois na conversa que a pesquisadora teve com o Procurador, este mostrou que se preocupava com a situação de algumas crianças e sempre respondeu com muito carinho o pedido de socorro das crianças que vão para a casa dele a procura de um lazer diferente e de alguns momentos de carinho e atenção.

Depois de alguns meses de convivência diária com alguns dos informantes, foi possível perceber como eles eram carentes de afeto, carinho, atenção e amor. Pois, a pesquisadora passava grande parte do dia com as crianças, trabalhando ou compartilhando alguns momentos de lazer, como passeio pela praia de mar, pela praça e ida para as lanchonetes nos finais de semana, que eram também parte integrante do processo da pesquisa. As crianças e os adolescentes da pesquisa começaram a ver a pesquisadora como uma pessoa de sua confiança e da sua relação eliminando assim toda a resistência que existia inicialmente. Os vínculos e os laços de afeto, carinho, confiança cumplicidade entre a pesquisadora e os informantes foram se tornando cada vez mais fortes, pois as crianças procuravam a pesquisadora na sua residência para conversar, desabafar e relatar alguns dos seus problemas familiares.

Vannúzia Leal Peres, nos seus estudos (1997, 2001, 2002) ressalta as questões relacionadas às relações afetivas, o processo de subjetividade e a ruptura das crianças e adolescentes que estão em situação de rua com as suas famílias. Esta autora mostra que

é de extrema importância compreender a realidade sócio-familiar destas crianças e adolescentes, uma vez que ela pode contribuir para a ruptura dos elos familiares existentes. É neste contexto que a autora aponta alguns aspectos do mundo contemporâneo urbano que leva a uma situação de crise no seio das famílias, principalmente para aquelas que vivem em situação de pobreza como é o caso das famílias dos nossos entrevistados.

Esta autora afirma que

“... geralmente estas crises estão associadas ao contexto social mais amplo, como o desemprego, à falta de acesso a educação formal, e dificultam o movimento natural do ciclo de vida trazendo problemas para a organização e o funcionamento cotidiano dessas famílias” (Peres apud Rizzini et al., 2003, pg 28).

Levando em conta este contexto apontado por Peres, as facilidades e oportunidades que a rua oferece para as crianças e adolescentes podem contribuir para que elas passem maior parte do tempo na rua, afastando assim da sua residência, abrindo espaço para que os vínculos e os elos familiares se enfraqueçam. Isso é possível se levarmos em consideração que nem sempre o espaço doméstico oferece as condições que as crianças encontram na rua. A própria estrutura do espaço doméstico contribui para esse afastamento que como vimos no caso dos nossos informantes, a casa é pequena e na maioria das vezes é constituída por apenas três cômodos para compartilhar com seis pessoas em média.

Cabe aqui colocar a contribuição de Ferreira que diz que,

“... a determinação de distanciar-se do convívio com a família é compreensível se nos reportamos à situação de moradia dessas famílias: na periferia da cidade, em casas e barracos minúsculos, sem infra-estruturas. A solução de buscar dinheiro onde é mais abundante implica para o menino em recorrer em quase toda a cidade, o que resulta não só no seu afastamento do quadro inicial de referência, mas também no seu aprendizado de “leitura” desses espaços” (Ferreira, 1979, pg 102).

Em alguns casos algumas crianças e adolescentes por viverem num espaço no qual não existem um mínimo de infra-estrutura e conforto, acabam por trocar o espaço doméstico pela rua ou outros espaços públicos e fazem com que estes se transformem em espaços privados, na medida em que o usam para satisfazerem as suas necessidades mais variadas. No caso das crianças e adolescentes da nossa pesquisa os espaços mais utilizados são Praças, Cais do Porto, Alto Peixinho, Abufador, Praia dos Pescadores e Armazém.

A ruptura dos elos, dos vínculos com a família tem que ser vista e entendida como um processo, na medida em que não é algo que acontece de uma vez só, pois nenhuma criança ou adolescente deixa de ter contato ou relações afetivas com sua família repentinamente. A ruptura dos elos familiares na maioria dos casos acontece de uma forma lenta, tendo em conta que antes da criança ficar definitivamente na rua ele fica numa situação de oscilação entre a casa e a rua, principalmente porque ele se sente ligado a sua família.

A relação que a criança ou adolescente estabelece com a sua família está na origem da sua permanência ou partida para a rua. Isso porque segundo alguns pesquisadores (Moura, 1991) as pessoas tem a tendência a abandonar o grupo quando este não satisfaz as suas necessidades. No caso das crianças e adolescentes em situação de rua, algumas delas abandonam as suas famílias não só por este motivo, mas também pela sensação de que a casa esta vazia, pelo clima de tensão e violência que possa existir na casa, a falta de apoio, de diálogo e incentivo dos pais.

Isso nos faz pensar, refletir que o oposto disso, ou seja, uma casa no qual existe a presença constante dos pais ou de uma pessoa adulta que estabeleça com a criança um relacionamento de confiança, cumplicidade, diálogo, amor, atenção compreensão, reciprocidade, assim como sentimento de segurança e proteção, poderia contribuir para que a criança e o adolescente se sentissem mais acolhidos e permanecessem mais em casa do que na rua.

Cabe ressaltar que em nenhum momento da pesquisa e da entrevista foi verificado ou percebido o rompimento de vínculo e/ou de relações afetivas entre as crianças e adolescentes desta pesquisa e seus familiares. Assim, as relações afetivas das crianças parecem estar voltadas principalmente para as suas mães, conhecidos, amigos e colega de rua. Como é o caso de alguns entrevistados que quando perguntamos quem é a pessoa que mais gosta respondeu o seguinte:

Adolescente S: *“Minha mãe e meu pai”.*

Pesquisadora: Por quê?

Adolescente S: *“Foram eles que me colocaram no mundo... e eles me dão comida...”*

Criança A: *“Djony... é meu amigo... passamos muito tempo juntos na rua brincando e jogando carta...”*

A figura da mãe em alguns casos é tida como algo que é superior, e que está acima de tudo e de todos, o que se percebe é que as crianças têm um sentimento de gratidão com a mãe o que faz com que elas tenham também um sentimento de carinho e amor para com ela, mesmo que em alguns casos a mãe seja a autora de vários tipos de violência que a criança sofre em casa. No estudo coordenado pelo CIESPI no Rio de Janeiro, os pesquisadores verificaram que apesar das crianças e adolescentes serem agredidos fisicamente por suas mães, eles tinham uma visão romantizada e idealizada da mãe. Neste sentido, os pesquisadores apresentaram duas hipóteses para explicar essa situação:

“Romantizar a mãe pode ser uma estratégia para manter a noção de pertencimento à alguma família, de modo que se possa constituir pelo menos imaginariamente uma possibilidade de retorno, ou então, e partimos para a segunda hipótese, existe um relacionamento por parte destas crianças da centralidade que as mulheres têm assumindo na família e em suas vidas” (Rizzini et all, 2003, pg 171).

No que se refere aos sentimentos, relações afetivas que a criança e adolescente estabelece com os seus pais (homem), o que percebemos é que elas não têm os mesmos sentimentos que tem pela mãe. No caso das crianças e adolescentes do nosso estudo isso pode estar associado ao fato de que a maioria delas, como vimos, eram “filhos de fora”, e os seus pais não tinham um relacionamento estável e harmonioso com as suas mães, o que faz com que o contato entre pai e filho seja cada vez mais reduzido, contribuindo assim para que a criança ou adolescente desenvolva sentimentos negativos no que diz respeito aos seus pais (homens). Ou seja, a criança ou adolescente pode associar a figura do pai a uma pessoa fracassada, irresponsável uma vez que ele (o pai) não consegue satisfazer as necessidades básicas da sua família por um lado, e por outro abandona a família e deixa toda a responsabilidade do sustento e do cuidado dos filhos para a mãe, realidade essa também vivenciada pelos entrevistados da pesquisa do CIESPI.

No próximo ponto faremos uma discussão sobre o cotidiano da rua das crianças e adolescentes que fizeram parte da pesquisa e contrapondo-as com o cotidiano das crianças e adolescentes da pesquisa do CIESPI no Rio de Janeiro, para que haja uma maior compreensão das duas realidades.

5.3.4 O Cotidiano das Ruas

A rua se configura como um espaço no qual as crianças e os adolescentes podem morar, trabalhar, conhecer pessoas novas, espaço de lazer, por isso acaba por ter várias funções, que depende da necessidade de cada criança ou adolescente. A rua é percebida pelas crianças e adolescentes do nosso estudo principalmente como um espaço de lazer e de realização de algumas atividades que lhes possam dar algum retorno em dinheiro que contribui para a sua sobrevivência. Essas atividades vão desde a mendicância até a prestação de pequenos serviços. Deste modo, à rua acaba por oferecer algumas oportunidades para a população infanto-juvenil, juntamente com a sensação de sentir-se livre, independente e autônomo, o que no espaço doméstico é inexistente ou limitado.

Entrevista com criança A, 11 anos de idade

Pesquisadora: Antes de você ir para a rua, como imaginava a rua? Como pensava que era a rua?

Criança A: “*Pensava que a rua só tinha coisas boas*”.

Pesquisadora: Como o quê, por exemplo?

Criança A: “*Posso brincar livremente... fazer as coisas que eu gosto...*”.

Entrevista com adolescente S, 13 anos de idade:

Pesquisadora: Antes de você ir para a rua, como imaginava a rua?

Adolescente S: “*Pensava que era bom, que tinha coisas boas... que eu podia encontrar comida, podia fazer todas as coisas que eu quisesse*”.

Pesquisadora: Que coisas?

Adolescente S: “*Ir para praia qualquer hora, brincar com os meus amigos, jogar bola ficar andando na rua...*”

Sobre a liberdade da rua Vogel e Mello, deram uma contribuição importante para o tema quando afirmam que,

“na rua não se tem hora certa para o que se quer. Nem é obrigado a fazer ou deixar de fazer seja lá o que for. Viver na rua significa, pois, não ter pai nem patrão. Por isso, além de se poder tomar com o tempo o espaço, uma liberdade incondicional para o menino da casa, consegue-se alcançar uma antecipação considerável da

capacidade de dispor do próprio corpo, no que se refere às relações sexuais e ao consumo de drogas” (Vogel e Mello, 1991, pg 145).

As crianças e os adolescentes acreditavam na existência da liberdade nas ruas mesmo que depois de algum tempo eles venham a descobrir que a rua não tem apenas coisas positivas. O “*sentir livre*” acaba contribuindo para que eles se afastem cada vez mais do cotidiano das suas famílias e aproximar do cotidiano das ruas. A liberdade da rua é uma liberdade aparente e ilusória, na medida em que nem sempre as crianças e os adolescentes podem fazer o que querem realmente.

Durante a pesquisa percebemos que a presença de crianças e adolescentes em espaços públicos, sem nenhum acompanhamento de pessoas adultas era muito visível. Pois todas as crianças e adolescentes que fizeram parte da pesquisa foram encontradas nos espaços públicos da cidade, sozinhos e algumas vezes na companhia de um amigo ou colega pedindo moeda nos locais mais movimentados da cidade e prestando pequenos serviços. Essa movimentação das crianças nos espaços públicos vem aumentando progressivamente e tornando cada vez mais visível a situação de vulnerabilidade que eles se encontram.

Constatamos também que a mobilidade das crianças e adolescentes entrevistados era significativa. Isso porque elas não tinham um ponto ou um lugar certo para ficar. Ao perguntamos por que não ficavam no mesmo lugar, responderam que não ocupavam aquele lugar, e que estavam apenas de passagem. Relataram também que ficavam num determinado lugar dependendo do dia e da hora. Uma das crianças entrevistadas relatou o seguinte: “*Eu só vou para cais no horário de chegada dos barcos (...) assim posso ajudar a colocar as mercadorias no carro, às vezes peço dinheiro para os turistas (...).*” (fala da criança A, 11 anos de idade). Outro adolescente entrevistado disse “*Não dá para ficar no Abufador durante dia... nada acontece... eu só fico aqui à noite... tem jogos, pessoas e posso fazer várias coisas com meus amigos... durante dia eu fico por aí andando...*” (fala do adolescente R, 13 anos de idade).

Essa realidade encontrada em Santo Antão é diferente da realidade das crianças e adolescentes em situação de rua que fizeram parte do estudo do ICM que foi realizado nos principais centros urbanos de Cabo Verde e do CIESPI no Rio de Janeiro. Isso porque nos principais centros urbanos de Cabo Verde – Praia, Mindelo e Sal, as crianças e adolescentes em situação de rua, já ocupam um determinado lugar. E esse lugar só pode ser freqüentado pelas crianças e adolescentes que pertencem aquele grupo. Na cidade da Praia existem alguns pontos que são ocupados pelas crianças e

adolescentes em situação de rua. Numa das conversas que a pesquisadora teve com uma das crianças que estava no bairro da Fazenda (sucupira), ela relatou que só podia ficar nesse lugar porque se ele fosse para outra área poderia gerar briga entre os grupos porque eles são rivais. Segundo esta criança cada grupo pertence a lugar e os membros não podem ficar circulando na área que é ocupada por outros grupos de crianças e adolescentes.

Num encontro que a pesquisadora participou sobre crianças e adolescentes em situação de rua realizado na cidade da Praia, observou que existiam crianças de várias localidades da cidade. O que chamou a sua atenção foi à forma como elas estavam dentro do espaço no qual foi realizado o encontro. As crianças e os adolescentes estavam separados em grupos que correspondiam a cada bairro. Elas brincavam entre elas e em momento algum se aproximavam dos outros grupos ou das outras crianças.

No caso das crianças e adolescentes do Rio de Janeiro a rivalidade entre os vários grupos de rua é significativa e expressiva, o que os impossibilita de circular em alguns bairros da cidade porque os bairros são identificados pelas facções criminosas. Deste modo, a liberdade das crianças e adolescentes em situação de rua se encontra totalmente comprometida. Pois, uma criança ou adolescente cujos familiares moram numa comunidade que é dominada pelo “*comando vermelho*”, por exemplo, não pode circular numa comunidade que é identificada como sendo do “*terceiro comando*”, isso porque a sua vida pode estar em perigo. As crianças e adolescentes do nosso estudo, por ter uma realidade diferente da do Rio de Janeiro, podiam circular por todos os pontos da cidade sem nenhuma restrição e conseguiam alcançar os seus objetivos, que se reduz em conseguir dinheiro e comida, que segundo eles é muito fácil de conseguir, pois, na palavra deles “*era só pedir*”.

Tanto as crianças e adolescentes do nosso estudo como os entrevistados da pesquisa do CIESPI parecem ter a consciência do perigo que existe na rua e do risco que podem correr. Fato esse, que no caso dos entrevistados do nosso estudo os fazem recorrer à casa dos familiares ou dos conhecidos para dormirem. Nos relatos das crianças e adolescentes do nosso estudo apareceu claramente que eles tinham medo de permanecerem, de dormir na rua por causa da violência, mas principalmente o medo de serem vendidos ou levados para outro país.

Entrevista com adolescente R, 13 anos de idade

Pesquisadora: O que a rua tem de ruim, de negativo?

Adolescente R: “*Tem bandidos... pessoas que não gostam de crianças... drogas... tráfico de drogas... pessoas que usam drogas... tem pessoas que fazem tráfico de crianças e levam para o estrangeiro... sabe teve uma época que um senhor queria*

me levar para estrangeiro... aquele senhor de Canárias que é meu amigo e dá aula na escola técnica... mas a minha mãe não o deixou me levar... a minha mãe estava com medo dele ser bandido e me matar ou me vender no estrangeiro... mas ele não ia fazer isso... ”.

Pesquisadora: Como que você sabe que ele não ia te vender?

Adolescente R: *“Ah ele é meu amigo... só queria me ajudar, ele queria que eu fosse ficar com a mulher dele que vive em Canárias... eles não têm filhos, porque eles são quase velhos e não podem ter filhos... ele ia me tratar como se eu fosse filho deles... mas minha mãe não deixou... ai não fui...”*

Entrevista com adolescente S, 13 anos de idade

Pesquisadora: Que coisas ruins, negativas têm na rua?

Adolescente S: *“Violências, maldades”.*

Pesquisadora: Quem faz maldade, ou é violento?

Adolescente S: *“Existem pessoas que ficam atirando garrafas, pedras nas estradas... às vezes batem nas crianças nas ruas, e fazem muitos abusos”.*

Entrevista com Criança A, 11 anos de idade

Pesquisadora: Você sente medo de estar na rua?

Criança A: *“só à noite...”.*

Pesquisadora: Porque e de quem?

Criança A: *“De bandidos... eles pegam as crianças que estão nas ruas... levam para outros lugares... os bandidos podem me bater e me levar para longe de casa... a minha mãe sempre fala que tem pessoas maldosas na rua e levam criança para estrangeiro... então à noite eu fico com medo e vou para casa... na rua tem muita violência também... as pessoas ficam brigando... atirando com pedras e garrafas... fico com medo de me machucar...”.*

Por outro lado, o cotidiano da rua possibilita as crianças e adolescentes terem certa autonomia e independência na medida em que por um lado, acabam conseguindo seu objetivo inicial que é de sentir livre da família, e por outro lado passam a cuidar da sua própria subsistência e assegurar as suas necessidades imediatas, e às vezes incrementar a renda da sua família através de pequenos apoios.

Uma das características do cotidiano da rua é a existência de pequenos grupos de crianças e adolescente em vários pontos da cidade. Mas, durante o período em que permanecemos no campo de pesquisa verificamos um movimento contrário, ou seja, na maioria das vezes percebemos que as crianças e os adolescentes andavam sozinhas nas ruas da cidade. O que percebemos é que elas ficavam em grupo apenas nos momentos de lazer, como por exemplo, ir à praia, ir para a praça à noite, jogar etc. Os informantes do nosso estudo preferiam fazer suas atividades sozinhas.

No Rio de Janeiro as pesquisas mostram que as crianças e adolescentes em situação de rua estão organizados em grupos tanto para realização de algumas atividades como para garantirem a sua própria segurança, tendo em conta que estão sujeitos a vários tipos violência que existe na rua. Por isso eles se organizam em grupos e normalmente são liderados por uma pessoa mais velha que pode ser tanto um adolescente como uma pessoa adulta. Em Santo Antônio as crianças e adolescentes dormem em casa e não são freqüentes os casos de violências, ao contrário da realidade do Rio de Janeiro onde a violência da rua é bem mais expressiva e visível, o que contribui para que as crianças se organizem em grupos. A cidade da Praia, que é o principal centro urbano de Cabo Verde, no qual o fenômeno das crianças e adolescente é bem visível se comparamos com a ilha da realização da pesquisa, as crianças e adolescentes também estão organizados em grupos e ocupam diversos pontos da cidade, assim como acontece no Rio de Janeiro.

Ao perguntamos para um adolescente do nosso estudo se ele convivia com algum grupo de crianças e adolescente ele respondeu o seguinte: *“não... não fico no grupo, não gosto de ficar em grupo... ando mais sozinho ou com o meu amigo... Mas nem sempre ando com ele. Prefiro ficar sozinho e fazer as minhas coisas...”* (fala do adolescente S, 13 anos de idade).

Ferreira na pesquisa que realizou sobre meninos de rua em São Paulo, mostra que o

“grupo tem funções, explicitadas ou não, essencialmente pragmáticas. É evidente que ao nível de sua representação simbólica o grupo desempenha papel fundamental na vida destes meninos como fonte de referência de normas de comportamento e ação, além do lado simples de se sentirem pertencentes a um grupo. Mas este pertencer limita-se a uma franquia de participação: ele pode compartilhar das atividades de trabalho, lazer ou delito que o grupo estiver realizando” (Ferreira, 1979, pg 107).

Segundo esta mesma autora

“A estrutura grupal propicia uma tênue proteção ao indivíduo inserido neste quadro. Ou seja, sem alterar a premissa de que cada um deve criar e desenvolver sua própria trajetória, manipulando as condições que lhe aparecem, o grupo exerce o papel de elemento de apoio principalmente para adestrá-lo e introduzi-lo nas fases iniciais de sua fixação na rua; e para que se troquem informações preciosas para manter seu trabalho e sua segurança” (Ferreira, 1979, pg 108).

O que caracteriza o cotidiano de rua das crianças e adolescentes que fizeram parte da nossa pesquisa é o individualismo, baseado no desenvolvimento de atividades individuais - entendemos que esta é uma forma encontrada para não dividir o que conseguem com outras crianças ou adolescentes - é o imediatismo. Isso porque tudo o que conseguiam através das atividades que desenvolviam era utilizado de forma rápida para satisfazer as suas necessidades mais imediatas. Deste modo, as crianças e adolescentes que encontramos nas ruas da cidade de Porto Novo, acabam por viver o momento, o presente sem pensar no dia de amanhã, ou no futuro.

Por viverem numa situação de busca constante de sobrevivência, os pesquisados não transmitiam valores de solidariedade e de cuidado mútuo com os seus colegas, mesmo porque eles também eram vítimas dessa situação, pois em alguns casos os laços de fraternidade, solidariedade e cuidado eram reduzidos ou inexistentes. Deste modo, a premissa que reina é que cada um deveria cuidar de si mesmo já que se encontram nas mesmas condições de luta pela sobrevivência.

É de realçar ainda, que o cotidiano da rua dos nossos informantes tem por pressuposto também o esmolar, ou seja, pedir dinheiro e/ou comida como forma de satisfazer as necessidades imediatas. Esmolar, ou pedir dinheiro é a atividade mais exercida pelas crianças e adolescentes que fizeram parte do nosso estudo. Como o objetivo dos estudados é pedir dinheiro e/ou comida, com o passar do tempo eles podem desenvolver a arte de pedir e ir se aperfeiçoando conseguindo comover e sensibilizar as pessoas através da insistência e do jeito de “coitadinhos”.

Segundo Vogel e Mello,

“ ‘Pedir’, constitui, além do mais, uma forma sobremaneira econômica de obtenção de recursos. Pode ser exercida a qualquer momento; não se prendem nem a tempos nem a lugares demasiados específicos; e, bem sucedida, pode resultar num ganho que, de outro modo, demandaria um empenho muito mais demorado. Na rua podem obter-se melhores refeições, roupas, calçados, cobertores e mais dinheiro do que em casa ou através do trabalho. Por isso vale à pena pedir, aprendendo a mobilizar e aperfeiçoar os recursos histriônicos

capazes de proporcionar o êxito da abordagem” (Vogel e Mello, 1991, pg 145).

Ao contrário dos principais centros urbanos de Cabo Verde e do Rio de Janeiro no qual o cotidiano da rua pressupõe também a existência de atividades ilegais como pequenos delitos, furtos, roubos, delinquência, e conseqüentemente a existência de um companheiro ou colega e/ou grupo, no nosso estudo não encontramos esse tipo de atividade. Das onze crianças e adolescentes que fizeram parte da pesquisa apenas uma afirmou que tinha participado em atividades que podemos denominar como “ilegais”, quando estava com seus amigos.

Entrevista com criança A de 11 anos

Pesquisadora: O que de bom tem na rua?

Criança A: *“rua tem carro... posso andar de bicicleta... fazer as coisas que eu gosto... ir para praia... ficar andando com o meu amigo... consigo dinheiro... às vezes pulo quintal das pessoas...”*.

Pesquisadora: Porque você pula no quintal das pessoas?

Criança A: *“Para pegar algumas coisas de comer... às vezes roupa...”*.

Pesquisadora: Você faz isso sozinho ou com outros meninos?

Criança A: *“Pulo quintal com meu amigo (adolescente S)... não faço estas coisas quando estou sozinho não... na rua temos liberdade para fazer as coisas... essa é a melhor coisa que tem na rua, trabalhar e pedir dinheiro também...”*.

Ao contrário do ambiente da casa, que pressupõe a figura de um responsável no qual a criança ou adolescente deve obediência e que estipula limites, no cotidiano da rua as crianças acabam acreditando que têm uma liberdade plena e incondicional, pois elas estão longe dos seus responsáveis.

Entrevista com adolescente S, 13 anos de idade

Pesquisadora: O que a rua tem de bom (positivo)?

Adolescente S: *“muita coisa...”*

Pesquisadora: o que, por exemplo?

Adolescente S: *“Ah... eu tomo banho de mar, jogo bola quando eu quero... não tem ninguém para falar o que eu devo fazer... consigo dinheiro para comprar as coisas que eu preciso. Brinco com os meus amigos e fico andando por ai vendo os lugares”*.

Entrevista com adolescente R, 13 anos de idade

Pesquisadora: O que a rua tem de bom?

Adolescente R: *“Tem muitas pessoas, consigo fazer amigos, posso descobrir varias coisas... eu posso fazer tudo que eu quiser... eu sou livre, mas não posso matar outras pessoas... não posso agredir as pessoas com pedra... eu sou livre, mas não dá para fazer estas coisas... se eu não fizer nada com ninguém eu sou livre...”*

Pesquisadora: E em casa você se sente livre também?

Adolescente R: *“Às vezes eu faço o que eu quero em casa... mas nem sempre... sabe por quê... eu gosto de ficar dormindo até tarde, mas não me deixam dormir... a minha irmã vai e coloca água em cima de mim eu dormindo... eu gosto de ver televisão de manhã, ver desenhos animados e não me deixam... isso me da muita raiva... então eu não sou livre porque eu não posso dormir até quando eu quiser... na rua se eu não fizer nada ruim... eu posso fazer o que eu quiser... ninguém me diz nada porque eu não estou fazendo nada de errado... eu vou para praia de mar tomar banho com meus amigos... consigo dinheiro para comprar as coisas que eu gosto que não tem em casa como manga, biscoito, sorvete, doces, yogurtes...”*

Podemos dizer então que a rua por proporcionar-lhes uma sensação de liberdade e ao mesmo tempo dar-lhes a oportunidade de fazer o que mais gostam acaba por contribuir para que eles se afastem cada vez mais das suas residências, fazendo com que a casa seja um espaço apenas de dormir, e a rua um local de convivência, lazer e trabalho.

A criança e o adolescente por passarem maior parte do tempo na rua do que em casa, acabam por passar por algumas mudanças não apenas no ritmo de vida como a incorporação de alguns valores que passam a fazer parte da sua vida. Deste Modo, fica fácil para ela conseguir algumas coisas que são essenciais para sua vida como, comida, roupa, sapato, até mesmo biscoito e doces que algumas vezes a sua família não dispunha de condições para proporcioná-lo.

Na nossa pesquisa, 100% dos informantes relacionaram a liberdade, a possibilidade de fazer o que gostavam, e de conseguirem comida, dinheiro e diversão, com o que de bom tinha na rua. A pesquisa que foi coordenada pelo CIESPI no Rio de Janeiro mostrou também que 50% dos entrevistados utilizaram esses termos para expressarem o que de bom tinha na rua.

Entrevista com Andrade, 15 anos de idade

“Andrade: eu achava a rua boa porque a gente vai para onde quiser, na hora que quiser, e em casa a gente não podia fazer isso...” (Rizzini et al, 2003, pg 189).

“Entrevista com Alba, 17 anos”

“Alba: uma coisa que tem na rua pelo menos na minha casa eu não tinha, a liberdade. Não a liberdade pra você sair, zoar, gritar, dizer que eu vou pra lá ou pra cá... um outro tipo de liberdade. Você pode conversar, coisa assim, a liberdade que eu não tinha dentro da minha casa. Dentro da minha casa eu não podia mal rir, já perguntaram do que eu estava rindo. Então era uma liberdade que lá fora eu tinha, eu podia conversar com quem eu queria sem ser proibida, porque na minha casa eu não podia conversar com colega... se eu quisesse chorar eu tinha que trancar no banheiro e chorar sozinha, na rua não” (Rizzini et al, 2003, pg 190).

Ao perguntarmos para os nossos entrevistados sobre o primeiro dia que passaram na rua, eles nos responderam como se a rua fosse um lugar novo e que eles não conheciam. A rua era idealizada pelas crianças e adolescentes da nossa pesquisa como um local no qual os sonhos se realizavam. Outro fato que apareceu nos relatos do estudo sobre o primeiro dia na rua foi o encontro com o amigo ou o colega que o convidou para a rua. O colega ou amigo tem um papel importante nesse primeiro dia na rua, porque é ele que vai servir de guia para essa criança ou adolescente que está tendo o seu primeiro contato com a rua.

Entrevista com criança A, 11 anos de idade

Pesquisadora: Como foi o seu primeiro dia na rua?

Criança A: *“Foi bom...”*

Pesquisadora: Com quem você foi para a rua?

Criança A: *“com meu amigo... ele me chamou para ir brincar com ele... passamos muito tempo andando de um lado para outro...”*

Entrevista com adolescente S, 13 anos de idade

Adolescente S: *“O meu primeiro dia... foi bom... fiquei andando com meus amigos por vários lugares (Abufador, Armazem, Porto, Alto Peixinho etc)... pedimos dinheiro... e compramos comida (pão, biscoitos, leite etc)...”*

Entrevista com adolescente R, 13 anos de idade

Adolescente R: *“A primeira vez fui com meu irmão e um amigo dele... ele me disse que eu tinha que pedir dinheiro para as pessoas porque senão ele ia me bater... eu não queria fazer o que ele estava falando... fiquei com medo então fui pedir dinheiro para as pessoas...”*

Pesquisadora: Como que você fez para pedir dinheiro?

Adolescentes R: *“a gente estava no Alto Peixinho e o meu irmão viu um homem passando e me disse para ir pedir dinheiro para ele... eu fui correndo fiquei andando junto dele aí depois eu falei... “dam 10 escudos pam cumpra pão” (me dá 10 escudos para comprar um pão)... ele me deu 20 escudos e eu levei para o meu irmão. O meu irmão e seu amigo ficavam observando as pessoas e me mandavam pedir dinheiro... naquele dia consegui cerca de 200 escudos (equivale um pouco mais que 2 dólares que equivale quase 5 reais)... depois fomos tomar banho de mar... fomos para o Abufador... o dinheiro que conseguimos compramos biscoitos, pão, e leite...”*

Pesquisadora: Quantos anos você tinha nessa época?

Adolescente R: *“Não lembro muito bem, mas acho que era seis para sete anos”.*

Pesquisadora: Nesse dia você ficou na rua até que horas?

Adolescente R: *“Até mais ou menos meia noite... foi o meu irmão que me levou para casa... eu era pequeno... andamos por vários lugares... eu não sabia voltar para casa sozinho, então meu irmão me levou... era quase meia noite”.*

Pesquisadora: Vocês faziam o que na rua à noite?

Adolescente R: *“Ficamos no Abufador, perto de bar Cheguevara vendo as pessoas jogarem. Um dia o meu tio me viu e disse que eu tinha de ir para casa, mas eu não fui não... fingi que eu estava indo... depois voltei...”*

É de realçar ainda que a convivência diária na rua contribui para que as crianças e, principalmente os adolescentes, percebam que a rua não é aquele paraíso que pensavam que fosse. Neste sentido, podemos chamar as primeiras semanas na rua como o momento *auge* da felicidade das crianças e dos adolescentes. Pois, logo começam a perceber que a rua não tem apenas coisas boas e a idéia romantizada que tinham da rua começa a se desfazer e percebem a dura realidade que é a rua.

Em seguida apresentaremos as percepções que as crianças e adolescentes do nosso estudo tinham da rua e alguns aspectos subjetivos das suas vidas.

5. 3. 5

As Percepções das Crianças e dos Adolescentes

As pessoas humanas por natureza projetam suas vidas com base nos sonhos e projetos que são inerentes a qualquer pessoa. A criança e o adolescente não fogem a essa regra. As crianças e adolescentes pesquisadas vivem em condições pouco dignas, em que os seus direitos são violados constantemente, aos seus pais não são dadas as condições que lhes permitam satisfazer as necessidades básicas da família como um todo. Nessas condições algumas das crianças e adolescentes acabam por se afastar da família e procurar na rua a sua sobrevivência. Estas crianças apesar de terem uma condição de vida diferente de outras crianças que estão com as suas famílias, também têm sonhos, desejos, projetos.

As crianças e adolescentes que fizeram parte do estudo de Porto Novo, apesar de não deixarem transparecer nos seus olhares que tinham alguma perspectiva de mudança de vida e de futuro melhor, ao perguntarmos sobre os seus sonhos, desejos, angústias e projetos todos eles responderam. Percebemos que os sonhos, desejos e projetos eram elaborados a partir das suas necessidades cotidianas, das suas experiências de vida familiar e da rua, das percepções que eles tinham do mundo, da família e do que é importante para levar uma vida mais digna.

Segundo Ferreira,

“Na infância e principalmente na adolescência, os projetos de vida são ricos em detalhes e muito abrangentes, pois o indivíduo percebe toda a vida a sua frente, dispondo dela conforme suas fantasias e desejos os determinem. Nessa fase, os projetos expressam também os principais valores subjacentes às escolhas feitas, porque o descomprometimento com uma posição social assumida dá ao jovem condição para criticar e escolher padrões sociais que está assimilando” (Ferreira, 1979, pg 129).

Mas, os sonhos e/ou projetos dos nossos entrevistados eram vários, e não imaginavam realidades nem almejavam objetos que não podia alcançar. Pois os seus sonhos eram práticos e diziam respeito as suas necessidades familiares como, por exemplo, ter uma casa, morar com a família, ter trabalho, que são necessidades consideradas básicas e essenciais, mas que para eles ainda continuavam sendo desejos e sonhos, uma vez que não os tinham.

Pesquisadora: Quais são os teus sonhos?

Criança A: “Ter uma casa para minha família... um trabalho...”

Adolescente R: *“Eu gostaria de ser no fundo um psicólogo... mas se eu não conseguir... gostaria de ser aviador... gostaria de ser uma pessoa simples que convive bem com qualquer outra pessoa... quando eu tiver 18 anos... arranjar uma namorada... estudar também para que a gente possa fazer curso juntos... se formos estudar num outro país a gente pode casar sabe... quando a gente voltar para Cabo Verde podemos ajudar as nossas famílias...”*

Adolescente S: *“Ter um carro para trabalhar e ganhar dinheiro...”*

Ao perguntarmos o que gostariam de ser no futuro responderam o seguinte:

Criança A: *“Professor... eu... gostaria de ser professor... dar aulas... trabalhar com as crianças...”*

Adolescente R: *“Gostava de ser... aquelas pessoas que trabalham com as pessoas doidas que não pensam bem... psicólogo...”*

Pesquisadora: por quê?

Adolescente A: *“Porque eu já conversei com um... eu queria ler os seus livros e conversar com as pessoas e tentar ajudá-las...”*

Adolescente S: *“Policia...”*

Pesquisadora: Por quê?

Adolescente S: *“Não sei... talvez para ajudar as pessoas... gosto de ser policia...”*

Percebemos que estes pequenos sonhos, projetos dos nossos entrevistados, é algo que eles idealizavam, mas que não tinham a certeza se conseguiriam realizá-los, uma vez que eles encontravam algumas dificuldades, limitações, obstáculo para a concretização dos mesmos. Um primeiro obstáculo para a realização dos seus sonhos e desejos é o fator escola, pois como vimos no início deste capítulo, das onze crianças e adolescente do estudo seis já tinham abandonado a escola, e os cinco que responderam que estudavam, o fazia de forma irregular e descontinua.

Percebemos também que as crianças e adolescentes do estudo tinham a consciência de que, para a realização dos seus sonhos, eles tinham que dar um passo muito importante nas suas vidas que era voltar à escola, fazer uma formação profissional, ou um curso superior em alguns casos. Só que voltar a estudar não depende exclusivamente das suas vontades, isso porque eles não tinham idade que lhes permitiam frequentar uma escola pública nem seus pais não tinham condições

financeiras para pagar uma escola privada, daí que sair dessa situação é extremamente complicado. Mesmo cientes desta realidade elas não deixavam de sonhar em ser Médico, Psicólogo, Policial, Professor, Engenheiro, mostrando assim que sonho faz parte da vida de qualquer ser humano.

Ao perguntarmos para os nossos entrevistados se por ventura, ganhassem no totoloto o que faria com o dinheiro, responderam o seguinte:

Pesquisadora: Se você ganhasse totoloto hoje, o que faria com o dinheiro?

Criança A: *“Vou dar para a minha mãe... para ela fazer uma casa para toda a família... vou dar uma parte também para o meu pai...”*

Adolescente R: *“Colocaria num banco e deixava lá até eu ficar maior... assim vou fazer o que eu quiser com o dinheiro... viajar para Europa... Portugal... França... estudar... fazer meu curso... depois voltava para Cabo Verde e ajudar a minha família... ou então levaria eles comigo... meus irmãos... minha mãe... fazer carta de condução... comprava um carro...”*

Adolescente S: *“Comprar carro, casa, fazer uma casa para minha mãe porque ela mora na casa de um senhor... vou tirar minha mãe dessa casa e fazer uma nova para ela...”*

Como as crianças e os adolescentes que estão em situação de rua, como é o caso dos nossos entrevistados que passavam grande parte do dia na rua e conviveram com outras pessoas, ao serem perguntadas sobre o que gostariam que as pessoas que passavam pelas ruas pensassem delas responderam o seguinte:

Pesquisadora: O que você gostaria que as pessoas pensassem de você?

Criança A: *“não sei... que eu sou uma pessoa do bem... que não faço mal para ninguém... eu queria que as outras crianças e pessoas brincassem comigo... eu gosto de brincar... mas parecem que eles têm medo de mim... eu nunca fiz nada assim... desse jeito... mas as pessoas ficam com raiva de mim...”*

Adolescente R: *“Queria que vissem a gente como uma criança normal e não bandido e ladrão como pensam que somos... e também falar só o que elas sabem por que as pessoas falam demais aqui... eu fico na rua... mas não faço nada de mal para*

ninguém... aí vem uma pessoa e começa a chamar de bandido... ladrão... menino de rua... ela devia perguntar se estava passando alguma necessidade e tentar ajudar...”

Adolescente S: *“Que eu sou uma criança normal... igual as outras... que não sou ladrão e não faço mal para ninguém... eu nunca agredi uma pessoa...”*

Um ponto que cabe aqui apresentar é a questão de gênero, apesar de não termos entrevistado nenhuma menina, achamos que é importante saber a opinião e a percepção dos meninos sobre a permanência das meninas na rua. Assim como no estudo do CIESPI. Ao perguntarmos para as crianças e adolescentes do nosso estudo, se era melhor ser menino ou menina na rua, responderam que era melhor ser menino na rua, porque conseguiam sair de situações difíceis que podem aparecer na rua, e relataram também que as meninas eram mais sensíveis e podiam ter algumas dificuldades para realizar os trabalhos, como poderiam sofrer abusos sexuais.

Pesquisadora: Você acha que é melhor ser menina ou menino na rua?

Adolescente R: *“Menino”*.

Pesquisadora: Por quê?

Adolescente R: *“Menina se for para a rua... vai sofrer mais que o menino... sabe por quê... elas podem sofrer abuso sexual... porque elas não sabem fazer os trabalhos da rua... por exemplo, lavar um carro... ajudar nas feiras... estas coisas... as meninas não servem para fazer os trabalhos da rua...”*

Adolescente S: *“Menino”*.

Pesquisadora: Por quê?

Adolescente S: *“Eles podem se defender das violências que às vezes tem na rua... são mais fortes... e podem fazer muitas coisas”*.

Os entrevistados do estudo coordenado pelo CIESPI no Rio de Janeiro disseram o seguinte:

Entrevista com Luíza 15 anos

“Luíza: é melhor ser menino, porque as meninas sofrem mais conseqüências... tem cara que abusa, eu nunca fui abusada não, mas já vi minhas colegas sendo, os caras lá passando na calçada, via a gente dormindo, aí já queria ir lá meter a mão, pensa que

só porque é menina de rua é jogada mesmo, não tá nem aí, a gente não pode falar nada, se falar apanha...” (Rizzini et al, 2003, pg 196).

Entrevista com Jenifer, 17 anos

“Jenifer: é melhor ser menino, porque na rua você vê a maioria dos meninos tem um serviço, eles engraxam, e sempre os meninos parecem que tem mais amizade. Os homens na rua eles são mais fortes, tem mais criatividade para se proteger e lidar com as pessoas, já a menina é mais medrosa, tem medo...” (Rizzini et al, 2003, pg 169).

Como acabamos de ver existem algumas semelhanças nos relatos dos entrevistados da nossa pesquisa e da pesquisa do CIESPI. Mas é de realçar que a violência tanto física como sexual não é exclusividade das meninas, pois na rua tanto menina como menino são alvos da violência tanto dos seus colegas como dos policiais, ou ainda de pessoas civis que passam pelas ruas.

No final de cada entrevista perguntamos aos entrevistados se eles fossem o presidente de Cabo Verde quais seriam as suas primeiras medidas ou ações. As respostas deles nos levam a pensar que as suas medidas seriam para acabar ou amenizar a situação de pobreza, desemprego, e falta de moradia que são as principais necessidades das suas famílias e de uma parte significativa da população de Cabo Verde.

Pesquisadora: Se você fosse presidente de Cabo Verde hoje, o que faria?

Criança A: *“Ajudava as pessoas a fazer casa... fazia escola e jardim para as crianças... ajudava as pessoas que não tem nem casa nem comida... ajudava todas as pessoas que precisa de alguma coisa...”*

Adolescente R: *“Primeiro governava Cabo Verde e dava trabalho para todas as pessoas para poderem ter dinheiro e comprar comida e outras coisas importantes para não ficarem roubando nas casas dos outros... depois faria um aeroporto em Santo Antão porque é muito importante... depois ficava governando com mais pessoas de confiança e ficava forte para ter mais dinheiro... faria casa para as pessoas que estão nas ruas... tem que ter mais trabalho... dinheiro... para que Cabo Verde possa desenvolver...”*

Adolescente S: *“Faço casa para todas as pessoas que precisam...”*